

M Ela ã era um organismo do partido. Ela era uma associaçaõ...

J Ela era uma associaçaõ, sim.

M Independente do partido.

J Independente do partido

M Que tinham pessoas lá dentro que eram do partido

J Isso, justamente

M Ai, você começou a fazer um trabalho c/ as mulheres, a partir dessa associaçaõ e ã a partir do partido?

J Bem, eu fazia como associaçaõ. Partido eu só fui fazer em 55, depois de 55

M Eu queria que você falasse um pouquinho desse trabalho. O que você fazia c/ a mulherada?

J Bem, eu comecei a ir na associaçaõ feminina fluminense, p. q. tinha uma moça que tinha se tornado minha colega. (...) A primeira era do partido. A primeira presidenta que eu conheci, que ã foi a primeira da associaçaõ, mas a primeira que eu conheci que foi a Irene Wanderlei. Depois que a Irene W. saiu, entrou a Maria Alice de Freitas. Então, eu já tinha um certo conhecimento c/ ela, pq. ela era uma pessoa muito simples, muito popular. No início eu era muito acanhada. E eu me dei c/ ela e às vezes dormia na casa dela (...). Ela me convidava para essa reunião. Eu ia, mas eu ã entendia nada dessa reunião. Às vezes eu ia para as festinhas que eles faziam. Festa do dia das crianças, do dia das mães, às vezes até no Natal (...). Bem, em 55 eu estava fazendo trabalho inclusive dentro da associaçaõ.

M Da associaçaõ, as reuniões aconteciam na sua casa, é isso?

J (...) A reunião ã acontecia na ... De partido?

M ã, da associaçaõ.

J ã, a associaçaõ (...) feminina fluminense tinha sede no ...

M ã da associaçaõ feminina, dos trabalhadores?

J A associaçaõ dos trabalhadores rurais se reunia na casa de Francisco Silva. Era uma casa e puxaram um telheiro. E esse telheiro era a sede da associaçaõ. Inclusive, a minha filha começou a dar aulas aos filhos dos lavradores lá. Até um

(2)

Fita 3 —> lado A

J (cont.) certo tempo ela deu aulas lá. Também, recebendo uma migalha. Pq. ela era uma mecânica e queria comprar um pó, essas coisas assim. Então, a associação dava um trocadinho a ela, só para ela não ir simplesmente... sabe como é, tinha q dar um incentivo. Ela entrou, numa espécie de ligação, conversas c/ a juventude comunista, mas dali. As pessoas dali mesmo da roça, mecânicas dali da roça. Inclusive, tinha o Escobar, q era (...) de um negócio de colonização. Que tinha um trabalho de colonização de trabalhadores do lado de cá, ali perto do lote 15. Ele mora por ali, em Pilares (...). Ele também ajudou a gente. Ele era também do partido, foi candidato numa certa época pelo partido. Ganhou mas não pôde ocupar, não sei pq. Porque era comunista. Enfim, eu fazia o trabalho, e eu tinha conhecimento através da associação feminista fluminense. Foi aí que eu peguei conhecimento c/ Maria Felisberta. (...) Eu chamei ela para fazer uma palestra sobre a ida dela no estrangeiro. Eu não dei...

INTERRUPÇÃO

M sim, continue.

J Então, ...

M Aí, (...) você passou a se conscientizar da importância da luta dos trabalhadores pq você ia a algumas reuniões c/ a Ruzo.

J (...) Eu ia às reuniões da associação, pq ele fazia o convite p/ o pessoal. E eu nem ia sempre, logo no começo eu não ia sempre não. Porque tinha galinha, tinha porco, tinha cachorro, aquelas coisas todas para cuidar, tinha as crianças (...). No começo eu não ia sempre toda semana, toda quinzena não. Eu ia lá uma ou outra. Depois eu fui começando. Eu consegui (...) a ter um pouco de consciência quando houve uma festa. Que o Chico Silva nessa época morava (...) no Tiránema. E houve uma festa, me parece que foi na casa dele ou na casa do Silas, não sei, não lembro mais. E eu fui convidada para essa festa.

③

Fita 3 — Estado A

J (cont.) Então, eu fui na festa. Lá eu gostei, era uma festa de finanças (...). Achei q. era um meio também da gente se divertir, pq no mato a gente ã tem diversão de espécie alguma. Eu comecei dali a me interessar, eu achava que para eu participar de uma festa da associação, negócios de finanças apesar de tudo, eu tinha q. dar uma ajuda também. Eu comecei a ir lá e perguntar que ajuda eles queriam q. eu desse, que eu ã sabia nada mas tinha que me pegar em alguma coisa para ajudar. Então, às vezes eles me apanhavam quando faziam festinha, me apanhavam para participar de uma barraca. (...) Eu combinava com uma colega para nós ficar um só na barraca o tempo todo, mas também para se divertir, de tantos em tantos minutos eu levava a gente trocar. A hora para sair fora e dançar ali também. Se fazia festa aos domingos na casa do Chico Silva ou (...) de outra pessoa ali qualquer. (...) No sábado. No domingo a gente ia fazer no 38, na casa de outro companheiro. Ele trazia as damas de lá para cá e a gente levava as damas de cá para lá, era uma troca.

M Tinha sanfoneiro, tinha tudo.

J 8' tinha (...)

M Era dança no pé? Tinha dança no pé?

J Era dança, tipo ferrô, ferrô não. Dança de roça. Ferrô até hoje... Hoje é que eu vejo falar em ferrô que eu nem sabia o que era. Mas era dança assim... dança popular, dança do campo, dança popular. Então, eu fui me incentivando, nisso aí. Eu vinha na associação uma vez ou outra e as meninas me (...) diziam o seguinte: pq você não cria a associação de mulheres lá em Xerem para você ficar com mais pessoas para trabalhar junto com você? Si, eu fui encucando aquilo na cabeça, mas eu ã tinha confiança no meu trabalho. Eu então fazia assim, conversava com as mulheres, explicava para elas, mostrava que a gente tinha que se organizar por causa dos despejos que vinham ali. A gente lutando, a gente era mais pessoas para participar que a gente tinha recebido convites, e tal. E assim as

(4)

Fita 3 → Bado A

J (cont) mulheres foram concordando. Quando elas concordavam eu marcava o dia da reunião, descia em Niterói, aí chamava uma companheira do partido, que geralmente era uma senhora que tinha o nome de Rita Campos. Ela ia lá com o dinheirinho, cobrada, da passagem, simplesmente da passagem de ida. De volta a gente tinha que dar. Apesar de ser tudo barato, mas as dificuldades também eram muito grandes. Então, (...) eu sempre chamava a Rita, ela ia e fazia. Nós criamos a associação...

M O que que vocês discutiam?

J Manina, olha eu não tinha plano nenhum de discussão (...). As discussões da cidade eram diferentes. Eu estava ali vendo mais a discussão entre associações de bairros, tipo essa associação feminina fluminense. Mas lá o que a gente pegou, foi para defender os maridos. Porque de 15 em 15 dias a associação se reunia e a polícia no meio da reunião vinha e levava o caminhão de lavradores. No nosso meio tinha um coquete e nós não sabíamos quem era. Tanto é que ainda em 55, nós fizemos um churrasco (...) fazendo campanha de finanças. Fizemos um concurso de rainha e a minha filha era uma das candidatas. E eu andava com as três, as três candidatas, eu era cabo eleitoral das três. Nós não tínhamos cabo eleitoral específico. Então, eu saía com as três e cada um fizesse seu trabalho, eu estava acompanhando. Então, o meu marido fez uns versos que no (...) vertical, eu não me lembro quantos versos eram, mas pelas palavras você deve tirar uma ideia. Fazia o nome da garota, da minha enteada. Era Eunice Pureza da Silva a 1ª lista das letras verticais. Nas horizontais é que eram os versos explicando o que era a associação. Então, a menina vendia os versos e contava como voto também. E isso aí era um trabalho de divulgação no meio da cidade. A gente vendia na cidade também. Vinha para Trajá. Eu fui para a praça Mauá, no cais do porto. Através de um

⑤

Fita 3 —> Bado A.

J (cont). dirigente vinha um jornal que tinha o nome de Orla Marítima. Uma vez eu fiz uma campanha de venda de ... com as três candidatas, de lá da praça Mauá até vir parar na Massas Marilu, não sei como mas eu vim por ali com um companheiro vendendo àqueles trabalhadores. Eu sei que quando cheguei na Marilu que eu sou e que olhei para os pés, parecia pé de porco de tão sujo. Fiquei envergonhada mas tive que apertar o ônibus para vir embora assim mesmo, todo mundo com os pés sujos daquela poeira, daquelas coisas de cais do porto. Então, nós fizemos a coroa da rainha, a minha filha foi quem ganhou em 1º lugar, e fizemos a coroa da rainha. A festa em homenagem era o churrasco. Só que era tudo vendido, pq essa campanha era da imprensa popular dentro do campo. Por aí você vê como a gente fazia trabalho político na época. Então, a luta era para levantar a imprensa popular. E tinha uma porcentagem q ficava para a associação, não me lembro quanto. Aí o cagete está lá no nosso meio dando todo o serviço a polícia. Quando foi no dia do churrasco deu 9 horas, entre 9 e 10 horas da manhã, a polícia chegou lá e carregou o nosso churrasco todinho, foi a maior infelicidade. Isso foi uma grande tristeza q nós tivemos. Mas mesmo assim nós não deixamos de trabalhar. Ficou sem homenagem, ficou-se sem o dinheiro quase, foi prestado conta do dinheiro dos votos. Não me lembro também quanto foi q deu. Esse foi o 4º concurso de rainha que nós fizemos que foi ainda em 55. Bem, eu entrei no partido logo ... nós fomos despejados em 55, não me lembro qual o mês. Mas foi mais ou menos no meio do ano. Nós fomos todos despejados, fomos para o Campo de São Bento. E lá...

M São Bento aqui em Cariás?

J Não. Campo de São Bento é em Niterói. Então nós ficamos lá. E o partido estava de olho em mim. Me perguntando porque que eu não entrava (...). Eu sei q foi mais ou menos nesta época que eu entrei no partido. Aí, eles logo me captaram quando estávamos despejados. Eu tinha ligação também através da (...) associação feminina fluminense. Nós apertávamos ligação com a FMB, federação

⑥

Fita 3 —> Bodo A

J (cont.) de mulheres do Brasil. E essa federação fazia de vez em quando congressos com mulheres. E eu participei desses congressos. Então, o partido sem eu saber ainda que era do partido, que estava fazendo o trabalho do partido. Eu comecei a fazer as convocações, pedidas pela Felisbete nos setores, assim por exemplo: Cabo Frio tinha associações de mulheres, Friburgo (...) tinha uma ligação de associações de mulheres, Lacholinas de Macacu tinha algumas pessoas que...

M Todas ligadas aos trabalhadores rurais? Ou ao partido?

J Não, não.

M Ou ao partido?

J Algumas. Por exemplo, a de Macacu era ligada aos trabalhadores rurais, só que (...) não era diretamente como associação de lavradores que eu fazia o controle. Eu fazia pela associação da comunidade, tipo comunidade que tinha lavradores também no meio, lavradoras "né"! Então, eu fazia essa ligação Petrópolis (...), Campos sabe?! Mas como trabalho de massa, trabalho do povo da cidade. Eu fazia essa ligação com o trabalho da cidade. Aí quando eu achava campo, eu enfia no campo no meio. Então, o que é que eu fazia. Eu conversava com essas mulheres, participava dos congressos que iam ter, fazia a convocação, convocava palestras para elas fazerem, tiravam uma delegada de lá e mandava para (...) aquele congresso nacional que era no Rio de Janeiro sempre. E dali, eu fazia esse trabalho. Depois eu entrei no partido continuei fazendo. Na época que eu entrei no partido foi na época que fomos despejados. E logo, mesmo dentro do acampamento o partido me... eu fui tirada como... houve um congresso chamado congresso nacional de mães. Eu levei a delegação das despejadas nesse congresso nacional que foi na ABI, levei umas 10 mulheres do campo que estavam despejadas. E dali (...) foi tirada como delegada em reunião dentro do nosso despejo.

④

Fita 3 → Lado A

5 (cont.) Tiramos as delegadas. Brevi. E de lá eu fui tirada para o congresso mundial de mães. Só que eu não pude ir, pq quando me trouxeram o recado (...) que a dificuldade de passagem era sempre, que tinham conseguido a minha passagem. Quando foram me dar o recado já era tarde e o avião já tinha partido. Eu não pude mais participar do Congresso Mundial de mães. (...) O partido aí me apertou logo, rápido com o tempo que eu tinha que viajar para me dar um curso político. Aí eu participei do curso com muita dificuldade porque o partido era clandestino. Mas mesmo assim eu participei. Eu não sei se foi um curso de 8 dias, se foi um curso de 1 mês, eu não tenho lembrança porque eu participei de 3 cursos. Me lembro que um foi de 8 dias, mas eu não sei se foi esse. (...) Aí eu voltei para o acampamento e o pessoal começou a me olhar, quando dizer as pessoas mais do partido com tipo assim, mais ou menos inveja. Porque eu que tinha sido escolhida para fazer aquele curso. Então, algumas pessoas do partido, da base que estavam ali despejadas começaram com aquele negócio de ciúmeinho besta. Mas eu finji que não entendi, participei do partido que existia isso lá. Então, a menina me falou que devia ser inveja, mas que eu não levasse a mal e que daí, essas coisas. Porque inclusive (...) a outra base tinha muitas mulheres que eram analfabetas. E eu era que tinha um olho. (...) Eu não sabia nada pq nunca tinha ido a escola, mas ainda me consideraram com um olho. E na terra de cego quem tem um olho é rei. Então, eu cheguei, fui, gostei da aula do partido, aprendi muita coisa. Aí sim eu entendi direito na luta do partido. Daí para cá foi que eu fui saber o que que eu estava fazendo. Pq quando eu dizia para o marido assim, eu não vou entrar em partido pq eu tenho q ter responsabilidade e eu não sei entrar num lugar que eu não cumpria com a minha responsabilidade. Isso é muito alto para mim. Ele dizia: Mas você já está fazendo o trabalho do partido. Que - Que trabalho de partido! - Tá sim, você não está fazendo as comunicações por aí pelos

(8)

Fita 3 —> Lado A

J (cont.) interiores? Isso é trabalho do partido.

M ... você já ia visitar o lugar...

J Eu já ia, mas ñ sabia q aquilo era do partido. Eu ia pq o partido tinha confiança no meu trabalho. Então, eu entrei no partido, fui logo para esse curso. Ai eu achava que eu já estava devendo. Que eu estava devendo alguma coisa ao partido. Então, eu fazia o meu trabalho pensando no seguinte: que eu estava devendo (...) de acordo com o que eu tinha aprendido ali, eu estava devendo ao partido com uma grande responsabilidade pelo que eles tinham me ensinado. Que aí foi que eu fui saber pq. que estava sendo despejada, pq que existia miséria, pq. que eu ñ tinha uma casa para morar, pq que os trabalhadores lutavam, pq que faziam greve, pq que a mulher era (...) discriminada, tá?! E de acordo com as perguntas, com o curso que eu fazia, as perguntas que eles me faziam e as respostas que eu dava, eles davam mais ou menos a entender, dentro da aula, (...) que aquilo tudo que as minhas colegas estavam passando e eu, era causa do regime. E naquele tempo se falava muito no imperialismo norte americano. Se falava (...) na grande burguesia, como é que se diz, no latifundiário, na burguesia... dava um nomezinho lá que eu ñ estou lembrada agora, que é a burguesia mais conseguinte de direita. Então, com isso aí, eu abri a minha cabeça. Só que tinham umas palavras que eu ficava vermelha que só um tomate pq eu ñ entendia aquilo. E eu ficava... enquanto está passando a aula eu estou pensando, aquela palavra o que significa, que significa essa palavra. Ai eu não 'guntava, já tinha passado um bocado da aula e eu ñ tinha dado importância, pq eu 'tava pensando naquela palavra. Isso prejudica muita gente, se a gente não entende. Ai eu parava e eu dizia que eu queria que a professora me

②

Fita 3 — Bado A

J (cont.) explicasse, que significa essa palavra. Ai ela me dizia o que significava. Eu dizia: - É pq esse tempo todo eu estou pensando aqui o que significa e perdi um bocado da aula por causa disso. Ai ela ia e repetia algumas coisas do que já tinha passado e eu dali eu pegava tudo fácil, pq eu entendia qual foi a palavra. Bem, (...) algumas vezes eu interrompia os professores para fazer essa pergunta. Até que uma colega, isso já foi (...) num curso de 1 mês que eu fiz. Essa colega... eram só mulheres que estavam nesse curso. E essa colega era de... Blumenau, Santa Catarina... parece que era Santa Catarina. Ela aí mandou um dicionário para mim. E quando eu me atrapalhava com as palavras que eu procurasse ali naquele livro que eu achava. Mas eu também tinha dificuldade em procurar, pq tem q se ler, não sei o que. E eu só procurava mesmo quando era uma palavra muito difícil e eu não tinha possibilidade de perguntar a alguém. Eu guardava e quando eu ia em casa eu ia olhar no livro, no dicionário. Daí em diante eu comecei a me conscientizar do meu trabalho. Eu saía muito mais, com muito mais amor. Que a gente pega amor à luta. Antes eu ia pq ia e agora eu ia pq tinha uma obrigação. E isso me incentivava muito. Eu criei a base das mulheres também no campo, dava, passava o trabalho político para elas. Reunia algumas delas, não era com todas, com as de confiança quando era uma tarefa mais difícil. Chegamos a criar o comitê de paz, que era... naquela época tinha uma palavra que se dizia, que foi, me parece que Elisa Branco, não tenho certeza. Que saiu com uma palavra dizendo assim: nossos filhos não vão para a Coréia. Então, tinha que se colher assinaturas para os filhos não irem para a Coréia. Nós fizemos essa coleta no campo, fizemos o comitê de paz, misto de homens e mulheres, no comitê entrava todo mundo. E o tal de (...) coquete 'tava também com a gente. E a gente não sabia que ele era o (...) coquete. Inclusive ele não quis aceitar a direção do comitê de paz mas 'tava ali participando. Então, a nossa luta era

⑩

Fita 3 —> Bado A

J (cont.) assim, eu achava que era uma luta política ferrenha, hoje que eu reconheço isso.

M 8, Pura

J Também participava com a gente (...).

M Mas você com essa sua militância você tinha que sair de casa, deixar as coisas, como é que era isso?

J Isso aí ele (...) combinava, nessa coisa aí ele me incentivou muito. Quando eu comecei a sair, acho que ele não tinha nem pé de me proibir, pq foi ele que me incentivou. Ele que me chamava para ir para o partido de vez em quando. Eu já fazia aquele trabalho. (...) Eu deixava as crianças, tinham dois enteados já crescidos e tinham os dois menores, que já não eram tão... já tinham saído do hospital antes de eu ir para lá. Já estavam com saúde. Graças a Deus depois que eu batizei, eles não adoeceram mais. Só ficaram saquíticos e lá passaram também muita necessidade junto com a gente, até a gente se apurmar. Que além de estar com a dificuldade de fazer dinheiro para comer, ainda tinha que andar para fazer o trabalho de defesa da terra. Então, (...) teve uma época que saiu também, que eu não me lembro mais (...) quando que começou, mas parece que foi bem mais tarde, o negócio de um plebiscito, que me parece que era pelo presidencialismo ou... é, essa que está (...). Então, a gente começou também a apanhar assinaturas por isso. Só que eu não estou lembrando se isso foi em 55 ou se foi depois. Por que quando eu fazia o meu trabalho, eu fazia um trabalho mais ou menos consciente, mas eu não guardava, eu achava que aquilo era bobagem. Eu 'tava fazendo aquilo pq eu 'tava pensando e o partido tinha me dado como tarefa. Então, eu não 'tava pensando... Tanto é que quando (...) eu via os congressos, que eu participei de muitos deles, eu via aquelas mulheres falarem: Nós fizemos um anqui a baiana para fazer isso, fazer aquilo. Eu ficava pensando assim: Que besteira! Falar essas besteiras

11

Fita 3 → Bado A

J (cont) no congresso. Quer dizer, eu não tinha aquela intenção, aquela consciência de que aquilo fazia parte da divulgação do nosso trabalho. Então, eu não contava isso. O trabalhozinho que eu fazia político eu não contava nada. Eu conto hoje, pq eu estou consciente de que aquilo era um trabalho de divulgação. Tanto é que, hoje eu perdi muita coisa, pq eu não dei muita bola. Só quando eu ia na base do partido, que a menina ia lá, uma assistente ou um assistente de cá do Rio, quando a gente fazia as reuniões gerais. Se eu participava dessa reunião, as pessoas de confiança do partido. E eu prestava conta. Que tinha acontecido aquilo com a gente, que a gente tinha feito isso, aquilo. Tinha naquele tempo nome de guerra. E aí era que eu prestava conta ao partido. Mas eu prestava conta (...) assim, às vezes eu nem dizia os pequenos detalhes, pq eu achava que eu estava fazendo uma bobagem que aquilo não tinha nada haver.

M Não tinha importância.

J É, não tinha importância, eu ainda não tinha chegado a essa compreensão. Então, houveram os congressos, o pessoal me convocava, eu ia no congresso. Fazia as conferênciaszinhas, as reuniõeszinhas no campo. Tirava as delegações para ir para o congresso tal. Eu participei, não me lembro das datas, sei que participei em 55 até 56. Participei do congresso nacional de mães, participei do congresso latino-americano de mulheres.

M Onde foi esse congresso?

J Foi tudo aqui no Rio, na ABI. E aí eu levei a delegação de mulheres do campo. Participei do congresso... Tive uma época que eu fui para um congresso, foi já em 56. Ainda não tinha me aprofundado novamente no campo do despejo de 55. Estava na cidade. Se, eu fui para São Gonçalo. Comecei a me ativar mais ainda na associação feminina fluminense. E foi continuando andando pelos campos (...) para ir para as outras associações de lavadeiras q ele já tinha criado, que ele chega a criar 22 associações... E a gente

M Como é que ele saía para criar essas associações?

(12)

Fita 3 —> Bado A

J Ele saía para criar essas associações, porque...

M Como é que é, ele ficava um tempo fora?

J Ficava, ele ficava sim. Ele ficava mais fora do que em casa. Então, as associações...

M E a associação de Kerem ficava por conta do Chico Silva?

J Ficava por... (...) tinha direção de não sei quantas pessoas, que eu não me lembro

M E ele era da direção lá?

J E ele era da direção justamente. Mas os trabalhos...

M E a direção que liberava ele?

J Liberava ele. Inclusive até o partido. Ultimamente até o partido era que dizia que achava que ele devia fazer aquele trabalho. Só sempre e que o trabalho dele era o mais difícil, era o trabalho mais difícil que sobrava para ele. E ele como era muito fiel ao partido, ele ganhava aquelas tarefas todas. Então, começou a ser divulgado no jornal Terra Livre que era um jornal de massa que tinha lá. Me parece que era semanário. A nossa associação se filiou a UTAB, união de trabalhadores agrícolas do Brasil, que o presidente era Rindolfo Silva que também era do partido. E a gente fazia o trabalho em coligações com eles, fazia parte também de algumas comissões. Até esse jornal começou a divulgar o nome da associação dos lavadores fluminenses através das nossas lutas, das nossas defesas, das nossas advogações, do trabalho. Até, também tinha (...) Última Hora sessas fluminense e dava também apoio a nossa luta. E a gente fazia o trabalho e saía a divulgar através dessa parte da Última Hora, os lavadores de outros setores do aqui do estado do Rio, eles ficaram sabendo da nossa luta. Até pediam a nossa ajuda a nossa colaboração. Até, meu marido ia para lá dar explicações, mostrar como é que fazia, como é que fez. Criava uma comissão lá, depois ia criar uma associação como um núcleo da nossa associação. Depois de

(13)

Fita 3 → Lado A

J (cont.) está bem desenvolvido, aí dava o nome do lugar àquela associação. E assim foi que nós fizemos 22... que ele fez 22 associações. Eu nunca ia nessas associações pq ñ tinha-
mos dinheiro de passagem para andar. Andava sempre ele com o dinheiro todo contado da passagem. Eu então trabalhava fazendo o trabalho entre as mulheres do local onde eu fazia, que era do quilômetro 40 até o quilômetro 49, ramal de Xerem. O meu trabalho era nessas seções. Depois eu arranji uma bicicletinha, foi no fim. Andava de bicicleta para facilitar mais um pouco, q eu andava muito a pé depois que saltava do trem. E a gente ando de bicicleta cor-
tava por dentro do mato, pelas estradas que a gente conhe-
cia. Eu sei que aí, nós com esse trabalho (...) aí como eu fiz as associações de mulheres, a nossa reivindicação foi soltar eles. Que de 15 em 15 dias eles iam presos, e nós as mulheres ficavam esperando os maridos. Se eles não subis-
sem no trem de 8 horas da noite, aí já estávamos combi-
nadas, eu já sabia que tinha ido todo mundo preso. Eu também estava na reunião, só que eles prendiam os homens. E a gente se juntava na 2ª feira, descia todo mundo no trem das 9 horas da manhã. Saltávamos em Belford Roxo, combinávamos de apanhar só um ônibus, todos juntos. Nós saltávamos em Larias e íamos para a delegacia. E quan-
do chegava lá, eles estavam numa sala que eles chama-
vam de sala livre e tinha um buquêinho feito uma jane-
la pequena e eles olhavam dali e viam a gente e faziam aquele sinal com o dedo polegar, é tal legal, legal. E a gente tinha uma comissão entre aquelas mulheres. Geral-
mente eu estava também. Totonha, a mulher de Chico Sil-
va e mais a mulher do seu Jerônimo e mais algumas que eu não me lembro quem.

M Chico Silva e a mulher dele também eram do partido?

J Era, era do partido. Então, a gente chegou e conversava com o delegado e ele dizia que ñ tinha sido ele. Que ti-

(14)

Fita 3 → Abdo A

(cont) não sido o auto, que ele estava ali de plantão. Ele dizia: O senhor sabe quem foi? O negócio é o seguinte, que as mulheres estão alvaroadas e que se aconteceu deles não serem soltos hoje amanhã tem 3 vezes mais essas mulheres que estão aqui, que as outras estão tudo nos esperando com a resposta. Aí, ele dizia que ia ver o que fazer. O auto é que subia (...) as últimas pessoas, só tinham 4 trens por dia e as últimas pessoas subiam no trem das 8 horas e o meu marido estava entre essas últimas que era para conseguir saber que estava todo mundo solto para não fazer mais um movimento daquele tipo. Então, aí nós reunia também associações nossa de 15 em 15 dias. (...) Nós criamos associações em Barro Branco, associações de mulheres. Aí a gente fazia assim, associações de mulheres de Barro Branco, filiada à associação feminina fluminense. Criamos em Papa Folha, criamos em Tiranema, criamos em Babi uma comissão. E assim a gente ia, fazia a nossa reunião.

M. Vocês... Aí vocês combinavam soltar os maridos? Zé Pureza, era geralmente da associação fluminense que eram presos?

J. Todo mundo da associação dos lavadores fluminenses que iam presos no dia da reunião. Até tive uma vez que até um advogado foi preso. Aí, o advogado tapou lá disse que ia tomar um cafuzinho, sabe como é esse jogo, e saía para tirar 'habeas corpus' para os outros todos. Mas a gente fazia era esse movimento. Esse movimento era que soltava a gente primeiro. Às vezes chegava mesmo 'habeas corpus', mas a gente já tinha soltado com essa participação. Eu sei que assim...

M. O Zé Pureza era sempre o último a chegar?

J. Era o último a chegar em casa, que quando ele chegava eu já sabia que os outros todos tinham sido soltos. Podia

(15)

Fita 3 → Lado A

J (cont.) saiu em 1º lugar, mas ele ficou na porta até sair o último lavrador. Ai, na última camada que saia, ele saia feuto e a gente sabia. Teve uma vez que a polícia perguntou se ele tinha sido torturado e tal, se ele não ficou com liberdade. Ai, o que ele tinha passado que ã era muita coisa, porque não tinha pq... Ele dizia: Bem, (...) não aconteceu isso assim comigo, mas aconteceu isso assim, assim. Que eu não estou me lembrando bem o que era. É alguma coisa sobre pressão (...) Então, (...) o nosso trabalho começou por ai. As mulheres gostaram muito de... Eu fazia um trabalho tão difícil, pq era um trabalho de distância com as mulheres, que eu ia parar que hoje eu ã sei onde é, pq eu ia pelos fundos. Eu reunia mulheres até em Parque Estoril.

M Onde é isso?

J É eu sei?

FIM DO LADO A

(16)

Fita 3 —> Lado B

J ... mulher no Parque Estoril, que ia na nossa associação. Mas que morava no Parque Estoril, alguma ligação que ela tinha para lá que eu não me lembro bem. O que eu sei é que eu ia conversar com elas lá para elas não deixarem a associação, para a participação de crianças da ... que eu queria ver se criava uma associação também em Parque Estoril. Mas eu não consegui criar. Consegui ligações assim, mulheres de lá que participaram da nossa associação dos lavradores. Então, eu estava pelos fundos, eu passava no ... ia pelo Tiranema. Tinha que atravessar um rio com água acima da ... já no fim da cora. E voltava de noite no escuro. A gente levava lamparina, tocha de bambu com querosene para não vir no escuro. E a gente quando vinha também tinha que atravessar o rio. Mas nós fazíamos esse trabalho. Era um trabalho bem difícil. Hoje eu não sei onde fica o Parque Estoril e se me levar em Tiranema eu também não sei por onde eu passava pq nunca mais eu apareci lá. Nunca mais eu passei por lá. Acho que não tem mais condição de andar aquela distância. Bem, agora ... desliga um pouquinho.

DESLIGADO O GRAVADOR

J (...). Quando eu fui despedida, como eu já falei, em 55, que fui a esse curso do partido. No fim do ano de 55 eu fui retirada para novamente fazer outro curso. Esse curso foi mais longo. Eu não me lembro bem de quanto tempo, mas foi mais de um mês.

M Não foi você dar o curso. Você foi fazer o curso do partido, é isso?

J Do partido, curso político. O partido me chamou para fazer novo curso. No fim do ano de 55. Eu me lembro que o Natal eu passei fora de casa. Agora eu não sei se foi de um mês ou de mais de um mês. Eu sei que no mínimo foi um

Fita 3 —> Lado B

(18)

J (cont) mês. Então, nesse curso, eu ...

M Já virou deutorada no partido.

J Eu era uma aluna. Apenas uma aluna que eles queriam fazer professora. Só que eu (...) era muito tímida e a timidez me atrapalhou muito. Até hoje eu ainda não sou bem desenvolvida não. Eu ainda sou tímida hoje. Mas eu era muito pior naquela época. (...) Eu fiz um curso com essas pessoas, com pessoas de fora também, de outros estados. E dali eu já saí com uma tarefa difícilíssima, minha senhora. Fizeram um curso de professores do partido, eu não passei no curso. Eu tenho certeza de que eu não passei nesse curso. Negócio para me enxugar como chefe é uma negação. Eu não gosto de frente de nada. Assim, eu faço o meu trabalho todo como militante, mas quando chega na hora de ser uma direção, eu não gosto. Porque eu penso logo, vejo logo um biô na minha frente, vejo logo uma mesa e um caderno para eu escrever, vejo logo umas explicações que tem que dar para os outros que tem que ser bem claras. Ai nisso aí, eu não tenho capacidade para isso.

M Você achava que não tinha capacidade!

J Até hoje eu acho que não tenho, porque eu não quero frente de direção de sindicato nem de associação, porque eu ainda tenho esse pensar. Apesar de tudo, acho que é um defeito que eu tenho. Mas eu não me ...

M Não conseguiu superar.

J Isso eu não consegui superar não. Então, quando eu saí desse curso que eu já saí no começo de 56. Saí com uma tarefa de (...) preparar o Congresso Estadual da Trabalhadora. Isso para mim eu saí com a cabeça mais quente do que pieu no chão no verão. Ai fui pedir socorro, todas as colegas ...

M O partido determinava as tarefas de todos, era isso?

J Era, era. Dali eu passava para a massa, mas a orientação era do partido, dentro dos cursos.

M Sei, a orientação do partido

J Então, eu saí dali com aquela tarefa de preparar a Conferência

Fita 3 —> lado B

J (cont.) Estadual. Então, eu achava o seguinte: que isso era um trabalho para uma pessoa que sabe muito bem ler, que a pessoa entende bem as palavras intelectuais, que a pessoa tem uma letra bonita, que a pessoa tem presença. Porque eu noto que até hoje, a pessoa só ganha alguma coisa se tiver presença. Então, eu me considerava uma pessoa que não ia fazer esse trabalho. Mesmo assim eu fui na Associação Feminina Fluminense, pedi ajuda à Maria Alice, pedi ajuda à Felisberta, ela me ajudou muito pouco porque ela 'tava com outra tarefa, que eu não me lembro qual, se era do Congresso Nacional, eu não sei, não lembro. Sei que ela não pode quase me dar ajuda nenhuma. Então, eu fiz o seguinte: botia, alguém botia as cartas para mim e eu assinava. Mandando como convocação para os setores onde tinha ligadas e pequenas associações de mulheres, que não era rural era trabalho urbano. E que eu assinava e mandava aquelas carta-convocações para elas fazerem lá a conferência delas, que chamava-se conferências municipais, e tirar delegada para ir ao congresso estadual que era feito em Niterói. E depois tinha o Nacional que ia ser feito aqui no Rio.

M Mas não era de mulheres trabalhadoras não, era de mulheres brasileiras...

J De mulheres urbano-trabalhadoras (...)

M Mas é isso que é interessante. Você faz parte de uma... é uma lavadeira na época. Tava num movimento de lavadores e sai para organizar mulher urbana.

J Justamente, era uma tarefa do partido (...) e como eu tinha saído da cidade, apesar de não ter sentido organização nenhuma, conhecimento de nenhuma organização no tempo que eu estava na cidade. Mas aí eu fazia as duas coisas. Eu fazia com interesse, porque nessa conferência eu ia "meter" o trabalhador

(19)

Fita 3 —> Lado B.

J (cont.) rural, ia "meter" a trabalhadora rural, entendeu. Então, o quê que eu fazia. Eu fazia as convocações para as pessoas e participava nas pequenas associações, nas associações de lavradores fazia reunião com as mulheres e tirava delegadas para participar desse congresso também do congresso estadual. Só que aí, o trabalho para mim ficou muito pesado. Porque era conversar com as mulheres da cidade nos interiores, as urbanas nos interiores e conversar com as lavradoras que eu tinha pouco acesso. Aos setores onde tinha nossa associação de lavradores, eu não tinha dinheiro para andar por elas para tirar delegadas; ali eu só tirava delegadas com aquelas de Xerem, com aquelas que ainda se encontravam até despejadas. Que ainda não tinha ido para a roça, como eu também não tinha ido para a roça ainda porque eu ainda não tinha me localizado no que eu ia ficar. Meu marido andava pelo campo criando, ele criava uma associação e botava pé na associação até ela começar a andar.

M Quanto tempo vocês chegaram a ficar separados?

J Não sei?!

M Quanto tempo vocês chegaram a ficar sem se ver durante esse trabalho?

J Sem o quê?

M Porque ele saía para criar novas associações.

J Sei

M Quanto tempo vocês chegaram a ficar sem se ver?

J É eu tenho idéia. As vezes ficava 8 dias, ficava 4, ficava 1, dependia do local onde ele ia. Dependia do local. As vezes eu chegava e ele saía, as vezes ele chegava e eu saía, era assim. Então, ...

M E isso nunca causou problema?

J Não, entre nós nunca causou problema. O problema eram as crianças que sempre ficavam só, mas (...) graças a Deus naquele tempo não existia, como hoje que não se pode deixar.

(20)

Fita 3 — Lado B.

J (cont) ninguém só em casa, era tudo de confiança, tinha vizinhos, as crianças às vezes conversavam com os vizinhos. Tinha pessoas da própria... os vizinhos nossos que a gente conseguiu botar no partido, membros do partido. Houve uma vez uma festinha lá em casa, festinha de finanças, com pessoas do partido daquela parte ali onde eu morava. Então, eu saí com a tarefa de preparar o congresso estadual, mandei essas convocações (...) eu achei que não foi bem aceita. Porque veio muito poucas pessoas dos locais para vir para essa conferência. Também tinha a dificuldade que era de noite. Então, tinha dificuldade para arrumar acomodações para algumas pessoas para ficar em Niterói. A gente não podia...

M E onde que era esse congresso?

J Foi na Câmara de Vereadores...

M Em Niterói?

J Em Niterói, ali na praça São João. Então, as pessoas vieram, eu fiz o congresso, tiramos delegados. Lá foi tirado para mim, como delegada para ir ao congresso nacional. (...) De acordo com as outras pessoas, eu tirei. Eu não fui só como delegada. Eu tirei outras delegadas também do campo, poucas mas tirei. Para ir também, para acompanhar, para ver o trabalho, o desenvolvimento do trabalho e que eu achava que todos esses congressos tinham que falar em lavradores! E para falar em lavradores, tinha que ter lavradores presentes. E só falava em lavradores porque, claro, eu levantava a palavra de frente. Então, eu preparei um congresso capenga. Eu achei que o congresso foi capenga, mas preparei. Quando eu cheguei no congresso nacional com a delegação, participei mas eu não fiz prestação de contas do meu trabalho, entendeu?! Ainda não entendi. Então, nós fizemos um angê à baiana, no qual

(2)

Fita 3 —> lado B

J (cont). eu nem participei desse congresso, por incrível que pareça, porque me captaram novamente, o partido, para uma reunião. Eu não sei como é que foi o angu. Disseram que foi uma percaia, que não sei o que. Mas eu não estava no angu, não sei qual foi a organização. Foi até feito, esse angu, no sindicato dos operários navais, que dava muito apoio a nossa luta. Então, lá nesse sindicato tinha departamento feminino (...) dos operários navais. E elas foram que ficaram com a responsabilidade do angu, porque eu saí na última hora para participar de uma reunião de poucos dias, não sei se de 3 dias. Eu sei que eu participei da reunião, não captei muita coisa da reunião. (...) Eu não tinha ainda aquela consciência do que eu estava fazendo sobre partida. Quando fui no congresso, não disse ao congresso o que eu tinha feito nas reuniões, como foi que eu tirei aquelas delegadas, (...) o que foi que aconteceu com o angu. Eu não contei nada disso. E dentro da FMB, Federação de Mulheres do Brasil, tinha pessoas do partido também, inclusive Ana Montenegro. Que graças a ela foi que eu saí como delegada das trabalhadoras daqui do Brasil, como representante dos camponeses, para ir ao congresso Mundial de trabalhadoras que foi feito na Hungria.

M Ah é!?

J Foi!

M Você saiu do Brasil?

J Saí do Brasil para ir ao congresso em 56, no mês de junho.

M Querem mais daqui do Brasil?

J Olha, eu lembro de algumas pessoas. Do campo só fui eu. Mas tinha bancárias, tinha tintil.

M Mas era congresso de partido ou só de

J Não, congresso de mulheres

M Geral?

J Geral. (...) Não sei me parece que foi 72 países, mas eu não tenho certeza. Participou um bocado de país...

M. Na Hungria?

J. Na Hungria.

M. E quem bancou a sua passagem?

J. Quem bancou a minha passagem foi a federação de mulheres do Brasil, talvez junto com o partido, aí eu não sei. Porque naquele tempo as coisas eram meio ... era clandestino o partido. Mas foi graças a Ana Montenegro que interveio lá e de acordo com o meu trabalho ela fez exposição lá na reunião da diretoria, antes do congresso, e me tiraram como delegada. Hoje é que eu sei disso, porque andei conversando com Ana Montenegro agora a pouco tempo (...). Então, quando eu fui ao congresso eu fui tirada, eu fui captada na semana, no ano ... Quando eu fui ao congresso eu não participei, não puzi conta de nada desse trabalho. Eu participei no partido, na reunião do partido. Mas na reunião do congresso eu não participei o que eu tinha feito. Quer dizer, não fiz a divulgação. Eu não entendia que aquilo era obrigação, eu achava que era besteira contar o que fiz. Eu achava que era uma bobagem, que eu estava tomando o tempo dos outros. Aí, depois foi que eu fui notar isso, a necessidade porque era um trabalho de divulgação, tanto da massa quanto do partido que era o meu. Então, até hoje não tem divulgação do meu nome no partido, não tem divulgação do nome do Zé Pereira, do nosso trabalho no partido, não tem. Porque, primeiro o nosso nome era de guerra, segundo os aparelhos do partido foram queimados, os materiais como você sabe no tempo da guerra, do golpe, aí tudo que foi feito nosso. A direção do partido, a direção máxima não "dava muita bola" para o trabalho do Zé Pereira. Foi preciso, o Zé Pereira aguarda não sei quantos anos. Tinha congressos e congressos e congressos e nunca chamaram ele. Tanto é

(23)

Fita 3 → Lado B

J (cont) que ele nunca participou de um curso do partido de um mês, ele nunca participou.

M Só você?

J Só eu que participei. Porque o partido não 'tava levando em conta, naquela época foi a época que o partido deu mais atenção a mulher. Tinha uma mulher que participava da direção nacional, se não me engano, com o nome de Iraci Ribeiro, era uma jornalista. Porque saía artigos dela no jornal, me parece que Classe Operária. Saía artigos dela e talvez por isso nós fomos muito incentivadas pelo partido para participar da luta. Isso eu tenho que agradecer ao partido daquela época, porque hoje não se vê base de partido, como tem base misturada, ninguém... Até o partido está esfacelado como você está vendo. Então, eu...

M O partido já não é mais aquele?

J É. Era errado o trabalho, hoje eu considero até que era errado, mas a gente fazia o nosso trabalho em cima da risca. E hoje, de um certo tempo, não digo de hoje não que hoje é outra coisa. Mas de um certo tempo, eu comecei a notar já de 60 para cá, de 60 não de 45 que foi a época que eu comecei novamente a notar alguma coisa mais política, de partido. Eu notei que tinha mudado completamente o método de luta do partido e que eu considerava um tipo indisciplinar. Então, eu fui do congresso mundial fiz uma história muito bacana, quer dizer tomei os dados como história, quando cheguei em casa passei a limpo. E eu tinha vontade até de fazer um livretinho, contando tudo que vi. De lá do congresso eu fui tirada, fomos convidadas, foram 11 mulheres. Eu estava falando o tipo de mulheres foi: camponesa eu, foi bancárias, foi costureiras, foi a tecelagem, foi metalúrgicas de São Paulo, enfim, eu não lembro mais o tipo "né" de trabalhadora. Mas eu sei que foram 11 mulheres. A última fui eu. Todo mundo foi de avião e eu fui a última de navio, em um navio que saiu daqui e passou 43 dias para chegar na Itália.

(24)

Fita 3 —> Bado B

- J (cont) apenas com um mapa de como eu tinha que fazer na Itália, porque eu não sabia...
- M Mas o quê que você foi fazer na Itália?
- J Porque o navio só ia até a Itália, da Itália tinha que 'panhar condução'. Fazer, ver como fazer para ir para o congresso. Então, (...) quando eu cheguei no navio, quem me levou foi até a Lúcia Cunha, que é também da FMB, e elas foram, foi uma comissão me levar no navio. E deu na ideia da Lúcia Cunha que ela procurasse se tinha uma comissão de argentinos, de argentinos que iam para o congresso. Lá encontrou, através do comissariado. Encontrou a delegação e me juntou a delegação, porque eu não sei falar castelhano, mas peguei as palavras, algumas palavras delas e com as palavras que eu peguei eu faço a (...) frase. Com uma palavra, duas delas eu faço a frase. Então, eu me lixei a elas. Só que eu não pude mais ir com elas no mesmo camarote porque já estava lotado. Eu fui sozinho como brasileira, num camarote misturado com italianos. Então, eu não entendia nada do que eles falavam. Lá quando eu cheguei na Itália eu já estava junto com as meninas da Argentina. Então quando chegou na Argentina, elas não tinham visto para seguir dali para frente, e eu tinha o visto arrumado pelo partido. Eu levava o visto escondido, "tá"!? E quando chegou lá, eu tinha o visto, passei, e fui sozinho. Lá me levaram rápido, foram no navio 'panhar a minha mala' que disse que o trem ia sair dentro de 10 minutos. Fei o maior alvoroço, porque a gente não tinha almoçado, porque o navio não deu mais almoço, nós saltamos para almoçar e se alojamos num hotel para dali então tomar o rumo. E as meninas como não tinham o visto ficaram, e eu segui com a delegação italiana, que não entendia "patavina", entrei no trem com elas.

Fita 3 —> Bado B

J (cont) Depois chegou, parece que em Milão, fez outra baldeação. Depois nós fizemos outra baldeação em Viena, Áustria se eu não me engano, Viena. (...) Até lá eu não tinha dado uma palavra sequer, parecia uma doente, uma demente. Frio que Deus me livre.

M Mas você tinha levado casaco?

J Casaco que eu levei foi um de manga três quartos, porque...

M Só?

J De manga três quartos que tinha ganho só para aquilo. Mas aquilo ali não era nada, e a roupa...

M Josefa e a sensação de estar perdida...?

J Justamente. O roupa que eu estava vestida era assim uma meia lãzinha, um conjunto assim tipo "blasi". Mas aquilo com o frio que eu sentia, aquilo não era nada.

M Não era nada.

J Mas mesmo assim...

M Você estava sozinha, realmente? Sem ninguém conhecido

J Sozinha. Ninguém. Um olhava, perguntava se eu não gostava de beijar, eu entendia porque fazia o sinal. Eu dizia que não, porque eu ia lá beijar todo mundo sem conhecer, sabe como é aqui no Brasil. Então, a delegação de italianas muito alegre, agarrava o balcão que estava vendendo balas ali no tem. Agarrava, beijava, não sei o que. Eu achava, aqui lá para mim não estava dizendo nada.

M Só mulher?

J Só mulheres. Então, quando eu cheguei em Viena. Nós saltamos para fazer baldeação... eu olhei assim vi uma pessoa que parecia familiar. Eu digo, bem aquela ali parece a Zenai de, deixa eu ver se é ela. Mas eu achei muito branca e muito gorda. Vou ver se é ela, vou passar em frente dela, se for ela, ela vai me reconhecer. Ai eu passei, quando eu passei: ... Morena!

O que é que tu estás fazendo aqui? Eu disse: Deve ser o mesmo que você. Você está fazendo o que? Eu vou para o congresso. Então eu também vou!

J (cont) Agora sim, aí pronto, me salvei pelo gongo! Aí abra-
cei ela. E ficamos... 'Tava ela e o filho dela, a gente naque-
la confusão, naquela alegria. Quando as italianas vieram
me falando, botaram a mão na cabeça e viveram para cá.
Conversavam, trocaram aquela língua com ela que eu não
entendia nada. E me abraçaram, ela contou quem eu era,
me abraçaram. E elas! Nós pensávamos que ela era
doente. Porque lá da Itália até aqui ela não deu uma
só palavra. Aí neste ponto, eu já estava no céu, já. Aí ela
perguntou para mim se eu tinha visto para ir para a
Hungria. (...) 'Tava escondido e eu tinha me esquecido.
Aí eu disse: - Eu não! Aí ela disse: - E agora? Tem que
voltar lá para apertar, não sei aonde, tal. Aí eu
fiquei naquele troço. (...) Aí ela conversando com a
língua, que já era a divisa de Viena com a Hungria, me
parece. E aí quando eu saí ali que eu olhei, já vi
tudo completamente diferente. Uma mesa com tudo
que era gulosinha, para quem chegasse ali de fora.
Aí a mesa me respondeu o seguinte, de acordo com a
interpretação: - Se você vai para o congresso, tem passe
livre, não precisa visto nenhum. Eu só fui ver o
visto quando eu cheguei no Rio de volta. Que eu
menendo no passaporte, encontrei numa capinha,
já tinha voltado, né. Então, entre os dias todos (...)
desde que eu saí daqui até o que cheguei. Faltou 2
dias para completar 2 meses que eu tinha saído.

M Você gostou de lá? Mas deu para você conhecer o país?

J Eu gostei! Deu para conhecer alguma coisa, deu!
A gente ia em fábricas. Fui em colcois, fui em

M Mas tudo orientado pelo pessoal do congresso?

J A delegação que veio da União Soviética para o
congresso, convidou a gente, a delegação brasilei-
ra, para ir primeiro (...)

(27)

Fita 3 → Bado 3

M A delegação brasileira em Moscou?

J A delegação brasileira primeiro foi para Armênia,...

M Tinha Armênia lá?

J Não sei se é Armênia, qual é uma cidade de Armênia? ... Bucareste. Fui para Bucareste. Tem outros nomes, este é o centro, a cidade. Não sei se é Armênia mesmo. Nós fomos para ...

M Vai falando.

J Nós fomos para Bucareste e lá nós visitamos o palácio do rei Carol. Hoje é, era museu. Nós fomos ao palácio, ficamos num bom hotel, assistimos teatrinho dentro do próprio hotel. O teatro que nós vimos no hotel a gente reconhecia as mesmas pessoas que estavam nos servindo na hora do almoço ou da janta. Foi muito alegre, era um pessoal muito alegre, onde tivessem 5, 6 pessoas tinha todo mundo cantando, e pedia para outros países cantarem. Por exemplo; Costa Rica, Costa Rica tinha que cantar: Brasil, Brasil. Se o Brasil tinha que cantar ... E nós cantávamos algumas músicas. Naquela época o que estava em evidência, e eu gostava muito de cantar era, Ahim sabe, sabe. Então, tinha pessoas que quando queriam o Brasil cantando já diziam assim: - Quem sabe, sabe! Se já sabia que era o Brasil que tinha que cantar. Se tinha a menina da Bahia, ...

M E quem cantava era você?

J Eu cantava algumas coisas. Nós cantava em conjunto.
(...)

M Cantava assim música popular brasileira.

J É, por exemplo, músicas baianas. Tinha uma moça que gostava muito de música baiana, assim música tipo sapateiro, baiana do sapateiro, essas coisas assim. Eu não me liço muito em música baiana mas eu gostava de o que o baiana tem? Cantava música de carnaval. A

Fita 3 → Rado B

J (cont.) Quem sabe, sabe, era do carnaval.

M Mas você sempre gostou de cantar ...

J É eu sempre gostava, sempre eu gostava de cantar.

M Ninguém / alguém conhecia esse seu lado não?

J Ah... tinha muito que fazer, né? aquele pessoal... tinha intérprete em Espanhol e intérprete em português que era uma mulher ali.

Então, eles gostavam muito de me ver cantar, então nós quando fomos pra uma coisa que eu chamei atenção, nós quando saímos de Bucarest... nós passamos lá uns poucos dias - não me lembro se foi uma semana, que ele dizia que era pra nós descansar. E ali nós passava. Nós fomos visitar a cadeia antiga que era museu, nós fomos visitar o Palácio do Rei Carol que era museu, nós fomos visitar umas fábricas de alimentação ligéria, como eles chamam. Era assim. O negócio era passeio. E tinha ônibus especial para levar a gente, aí ia todo mundo, a delegação não era só do Brasil, era delegação de vários países... eu sei que foi uma maravilha, adorei. Então eu tomava nota daquilo num caderno de rascunho, por onde eu andava, tomava nota, para depois quando eu chegar, passar o tempo que eu achava que aquilo eu tinha que prestar contas do povo da associação, aos lavradores, a minha associação, a associação de mulheres...

M Qual foi a sua impressão lá? O que é que você achou da cidade?

J O que eu estou achando é o seguinte:

Por exemplo dentro da Hungria era uma cidade assim, escura. Olal lá é um sol turvo.

Fita 3 -> Bado B

Aqui tem às vezes daquele tipo de sol, mas eu não me lembro bem qual é a época, mas me parece que é no outono. É um sol assim meio leve, meio escuro. Os prédios também não ajudavam, eram uns prédios assim mais pra cima, sabe? Aquelas pinturas meio escuras, eu achava aquilo, né! Agora o sucesso que nós fizemos na rua, mas 'tava no gíbi. Porque tinham umas escusas, inclusive a nossa representante dos metalúrgicos, que era de São Paulo, era uma pretinha. Muito bonita, muito saída, muito desenvolvida. Tinha também a Anélia, a Anélia já era uma moça clara. Então, nós fazíamos sucesso, por onde a gente ia saindo que o pessoal botia os olhos na pretinha... Ela foi apelidada de estrela da delegação. Então, às vezes a gente era chamada para conversar na praça, com algumas pessoas, aí faziam pergunta mais a pretinha. E sei que a gente foi tratado. Nós fizemos até depois alguns comentários, nós reunimos a direção do partido lá mesmo, na nossa comissão era escolhida, inclusive eu né! Para a gente reunir e contar o que estava achando, só o partido que fazia isso. Aí como tinham umas meninas (...) que eu achava que estavam me discriminando, diziam assim: Pois é, esse negócio da gente não poder fazer as coisas; porque tem pessoas que estão fazendo coisas com o dinheiro do nosso sindicato. Nós vivemos com o dinheiro do nosso sindicato. Então, como nós tínhamos dado nenhum dinheiro da minha associação, que era uma associação pobre. Eu achava que aquilo era uma ... discriminação. Aí, eu chamei a companheira, que naquele tempo era a encarregada da delegação era uma moça com o nome de Iolanda. Aí, eu falei com a Iolanda em particular: Oi Iolanda eu estou achando que esse negócio nós está muito bom. Tem umas meninas aí que estão dizendo isso, isso, isso,

Fita 3 → Lado B

J (cont) isso. Eu acho que só pode ser comigo, pq a minha associação não pôde dar dinheiro nenhum, e tal. (...) Será que você podia, com jeito, de falar alguma coisa com eles sobre isso? Se ela arrumou uma reunião de massa, com (...) a delegação toda. Se, fez a divulgação (...) fez uma coisa lá por fora sobre o que é que estava achando do nosso congresso, e que é que achou daqueles passeios que nós estávamos dando, politicamente o que que estava combinando e tal. Se ela disse o seguinte: (...) - Olha, aqui não tem uma só delegada dessas que esteja "quites" com a nossa participação nesse congresso. Quem vai nos dar a nossa volta é a União Soviética (...) As meninas aí compreenderam. - Foi mesmo. Essas tais, né: - Foi mesmo. Então, o negócio foi o seguinte, eu pensei que o meu sindicato tinha dado o meu dinheiro todo. Eu sei que tinha uma companheira lá que era do Rio Grande do Sul (...). Ela era tão inconsciente que ela achava que ela estava fazendo favor ali no congresso. Quando foi na vez de eu dar o meu depoimento, de acordo com a conversa que eu tinha escutado com ela, eu disse: - Olha companheiras, eu estou aqui honrada. Eu me sinto honrada pela organização que me mandou, eu conheci o mundo, conheci isso que está acontecendo aqui. Então, eu me acho honrada. Ter companheiras aqui, que está achando que está fazendo uma obrigação porque a outra não quis vir com medo. (...) A companheira que veio do Rio Grande do Sul, por exemplo, foi uma privilegiada. Eu me sentia, como me sinto, muito honrada por vir fazer um trabalho desse. Essa pessoa que n

Fita 3 — Bodo B

J (cont) veio, ñ sabe o que está perdendo. Então, eu fiz esse trabalho. Ai eu já estava um pouco conscientizada, porque eu achava que aquilo eu nunca ia pagar, aquilo que o partido fez por mim. Bem (...) de Bucareste nós fomos para Moscou. Ai, eu me lembro que nós fomos de ... trem, até um trem noturno. Depois, nós chegamos (...) em Moscou ... Antes, quando nós chegamos no congresso, isso eu ñ quero esquecer de falar, quando chegamos na Hungria. Tinha pessoas me esperando com um buquê de flores, tá! Gente da delegação que já estava lá ... A delegação toda brasileira que já estava lá e alguém que estava participando do congresso ali com um buquê de flores. Para me dar. Para dar a quem fosse, mas era só pra mim, para a delegação que estava ali que era a italiana, que era eu, como brasileira que fui a última a chegar. Então, cada uma daquelas pessoas que foram para aquele congresso, nós chegamos lá ... No dia 12, se não me engano, e dia 13 começou o congresso. E nós chegamos no dia 12 às 11 horas da noite e no dia 13 cedo, começou o congresso. Ai nós fomos direto para o hotel, fomos jantar, cada um ganhou um buquê de flores, quer dizer a gente vê isso, já está notando uma diferença tremenda. Gente! Isso ñ se vê aqui em canto nenhum. A gente vê lá uma vez ou outra, um buquê de flores para uma certa pessoa. Mas pode vim aqui e quem recebe é uma, tá! (...) Claro que a condição daqui é uma condição diferente, mas eu não vou esquecer isso. Que isso foi uma grande homenagem (...) eu notei aquilo que se chama de democracia. Nós podíamos conversar a vontade.

M. Naquela época você ficou até assustada, né??

J. Naquela época eu fiquei completamente, como é que se diz ...

(32)

Fito 3 ————— Bodo B

M Guebasbacada, porque ...

J 8'! Claro, claro. Tinha lugares (...) que eu ia
(...)

DESLIGOU O GRAVADOR

J ... e o pouco que tinham feito com meus próprios
companheiros, lá. Porquê nós nesse despejo. quan-
do nós fomos fazer o balanço. A polícia tinha
200 corpos de lavradores, alimentando com nossa ...

DESLIGOU O GRAVADOR

1

Fila 4 - lado A

M: Paulinho da Silva? Vamos lá: 'Zefa, "mete bronca"!

J: Bem, aqui mais atrás tem uma palavra que eu falei só bre a participações. Que eu sei (...) de umas aulas do partido, e já sei com a tarefa de fazer o Congresso Estadual da Mulher Trabalhadora. É o que eu disse é que nós participei do ango, do congresso eu participei, "né"? Arranjei o congresso, participei, tirei delegadas, fui ao congresso nacional. Eu queria revisar isso aqui, porque eu não participei do ango. Quando eu soube que o ango foi mal feito e tal. Mas eu não tirei participações nisso, "né"! Não pude ter. E sobre o lugar que eu falei na minha ida depois que eu fui convidada (...) lá no congresso na Hungria. o 1º lugar que eu fui convidada foi para a Romênia. E de lá da Romênia é que eu fui fazer aquelas visitas. Visitei fábricas de alimentação ligéria, visitei creche de crianças (...) de pessoas que trabalham na mesma fábrica, (...) lixei aquele negócio como eu já falei sobre os artistas (...) que faziam a gente se distrair um pouco, eram os próprios do trabalho do hotel. Enfim, dali nós partimos "pra" União Soviética. Eu me lembro que fui de um trem a noite, não sei se já falei sobre isso anteriormente. E nessa ida eram mulheres que tinham no trem. Eu até me admirei muito quando cheguei na União Soviética (...) quase todo serviço que se via mulher participando. Vi mulheres participando na União Soviética do trabalho (...) com, acho que é aço, que trabalha com areia, não sei o que e formas aquelas peças de aço. Eram mulheres que dirigiam os guindastes para pegar aqueles ferros. E eu fiz uma pergunta lá a companheira sobre isso. Então, o que elas me responderam foi o seguinte: que talvez estivesse notando diferença por que eu não sabia talvez quantos soldados tinham sido perdidos na guerra, na 2ª Guerra Mundial.

(2)

Fita 4 — lado A

3 (cont) A União Soviética perdeu 20 milhões de soldados nas guerras. E talvez tenha sido isso que aglomerou um grande número de mulheres para trabalhar. Eu fiquei muito... Eu não sei se falei sobre isso. Eu fiquei muito interessado, uma coisa que me chamou muito a atenção, que nós andávamos muito, passeávamos muito, tinham os ônibus especiais, bateram até várias fotos da gente. Infelizmente com o golpe eu perdi, tive um prejuízo muito grande com o golpe de 64. E eu achei muito interessante, tinha uma praça lá que chamava-se, mais ou menos querendo dizer que era a praça do lavrador, não eram essas palavras, mas significava isso. Então ali tinha uma espiga de ouro, que era uma espiga de milho que eram as fontes. Uma tinha a espiga de ouro que era a espiga de trigo dourada, outras tinham a flor de pedra. Eu tinha visto uma vez no jornal lá muitos anos atrás um filme com o nome de A Flor de Pedra, só que eu não sabia que era russo, fui descobrir que era russo quando cheguei lá, eu não cheguei a ver o filme aqui não. Mas cheguei lá vi essa fonte lá nesse setor. E fomos muito bem recebidos na União Soviética, fomos para um hotel. Eu não sei dizer quantas estrelas porque eu não entendo disso, mas foi o hotel Moscou. Em frente a praça que tem (...) aquela torre do Kremlin onde tem um relógio e uma estrela vermelha. Uma das coisas também que me chamou a atenção é que lá o sol se punha muito tarde (...) 10, 11 horas da noite a gente ainda estava vendo os raios de sol. Eu tomei muito susto quando acordava às 3 horas da manhã e pensava →

③

Fita 4 → lado A

J (cont) que tinha perdido a hora do café que era marcado para as 7 horas. Quando eu levantava a cabeça, que olhava para a estrela 'tava dando 3 horas da manhã. Quer dizer que lá não tinha escuridão naquela época. O verão lá é no mês de maio, junho e julho se não me engano, ou junho, julho e agosto, é uma coisa assim. O que é inverno aqui lá é verão. Mesmo assim é muito mais frio do que o frio aqui. Agora, fomos muito bem tratados. Uma coisa que eu observei lá naquele tempo, eu estou falando ruins sobre isso porque já houve essa confusão aí das mudanças de política. E eu estou dizendo porque eu fiz palestras aqui sobre o que eu encontrei na União Soviética, e hoje eu vejo isso tudo abalado. Depois eu vou dar o meu parecer sobre isso, meu parecer pessoal, o que que eu acho, porque que aconteceu isso. Então eu não vi nenhuma falha naquela época, não soube, eu era meio esquisita, 'tava sempre pesquisando. Tive uma época que eu tive numa creche das crianças que as mães trabalhavam em fábrica de cerâmica, eu ainda tenho uma lembrancinha até hoje em casa que eles me deram, é um veadinho deitado. Eles distribuíram, as crianças distribuíam para gente, uns veadinhos e aquele passarinho que tem um papo grande. Eu esqueci do nome dele, depois talvez eu me lembre. Então, eu gostava mais do veado; quando eu vi o veadinho cheguei perto do veadinho e falei para a moça que eu preferia aquele veadinho. Eu até hoje, eu tenho ele em cima da minha máquina. Bem, agora sobre alimentação lá? Participei de teatros, teatrinhos, de operetas. Eles disseram que aquela época era a época das pessoas estarem de férias, e se não fosse isso, as dançarinas estarem de férias, que talvez a gente visse "aquela" parece que a dança dos cisnes, sei lá, cisne branco uma coisa assim. Uma opereta ou um balé muito falado que tui por aí.

(4)

Fita 4 → Lado A

J(cont) Mas como eles estavam de férias, nós viemos outros, um pouco mais. Que eu por sinal agradeço muito porque eu nunca tinha ido a um teatro; eu não conheço teatro. Eu vejo aquilo na porta escrito teatro, passando pela porta. Mas dentro dele eu nunca entrei. Então, sobre alimentações eu fico hoje pensando porque que esse pessoal hoje está passando fome lá como está dizendo. Porque a alimentação lá tinha tanta comida 'pra hora do café', mas tanta da comida, que eu não armava um prato 'pra mim não', eu ficava só lambiscando. Porque eu não sou de comer muito. De manhã eu tomava café com uma rodinha de pão a toa, às vezes ainda mastigava a metade e jogava fora, já sou assim há um bocado de tempo. Nesse tempo talvez eu não fosse assim. Mas mesmo assim tinha muita comida, parecia. Salada de legumes com ovos cozidos; peixe em conserva era um peixe que a gente levantara ele assim com a mão ele era inteiro, não era igual a esse daqui que esmaga. Ele dentro da lata, era um peixe inteiro. O tal do caviar que eles faziam um caviar danado, eu não gosto de caviar, mas tinha lá. Pezunto, eu não queria saber de pezunto. Olha, tinha tanta da comida que eu só lambiscando (...). A única coisa que eu comia tudo porque ficava com vergonha, era um copo de coallhada que eu nunca tinha tomado e bem dizem aqui no Brasil (...) porque eu não gosto de coallhada, eu tomei 'pra não estragar. Então eu tomava todo dia, vinha 'pra todo mundo um copo de coallhada e dois ovos quentes. Ovo quente 'pra mim passei vergonha porque eu não comia mesmo. Ficava lá. Não era só eu, tinha outra companhia que também não gostava e →

(5)

Fita 4 - lado A

J (cont) ficava lá encostado. Aí, quando as meninas nota-
ram, as intérpretes, (...) de manhã perguntaram:

- Quem quiser ovo quente levante a mão! Quem quiser
omelete levante a mão! Aí, eu levantava no omelete
"né"! Aí vinha. Depois que eu tomava um copo de leite
e um omelete de dois ovos, o que que eu ia comer mais?
Nós ia dar mais para nada. Eu saía lambiscando. Che-
gava num peixinho daquele tirava um peixinho como mão.
chegava na salada tirava uma banda do ovo; chegava não
sei aonde beliscava um paquinhão. Porque nunca vi
tanta comida. Queijo, eu nunca provei; porque eu provei um
pedacinho achei amargo não gostei do queijo, dei kei 'pra
lá, nunca comi. Enfim, no fim de tudo, que a gente já 'ta
na eujeado de comer, era que vinha perguntar se queria
mate, se queria chá, café ou leite. Eu não queria ni-
nhum dos 3, não tinha mais lugar 'pra botar nada.

Então, eu engordei ... passei quase 2 meses nisso tudo, en-
gordei parece que 3 quilos. As meninas lá, quase todo
mundo perdeu as roupas. Eu não perdi porque não sou de
engordar mesmo. (...) De lá da União Soviética mandaram
a gente 'pra Nova Sôk. Fomos uma parte de ônibus, outra
parte de avião. Que não me lembro mais como foi direito.
Mas eu sei que a gente saltou, 'parou avião, ou foi de ôni-
bus voltou de avião. Eu sei que nós fomos de duas partes,
uma parte de ônibus, outra de avião. Disse que era 'pra
gente ver o panorama. Que de fato era uma coisa linda,
linda, linda, linda. Tera lugares. Quando nós chega-
mos em Nova Sôk na época das ... dummas flores que
tem lá ... como é meu Deus o nome ... depois eu vou ...
magnólia. Magnólia que era uma coisa linda. De vez
em quando, em todo canto que a gente andava recebia
flores. Então, sempre vinha uma magnólia. Quando
um dia eu levantei com a cabeça que eu não aguentava.

6

Fita 4 - lado A

J (cont) Ai a moça perguntou se eu tinha dormido com a magnólia dentro do quarto do hotel. Eu falei que sim. Disse então, foi a magnólia que deu dor de cabeça. Você deve tomar no banheiro e tranque a porta que é pra não sair perfume, porque aquele perfume é muito forte. Coisa de fato era forte mesmo. Mas é uma coisa linda. Magnólia é uma flor feita igual que é de seda, de cetim. E lá tinha muito. Tem umas árvores tipo, que aqui me parece que chama pinheiro. A árvore só toda fechada e fica aquele verde, mas toda fechada, aquela parte era toda enfeitada. Tinha vários hotéis, que eles chamavam, lá não tinha nome de hotel, mas o nome de ... (...) é um lugar que tem aqui 'pro lado de São Paulo que dizem que os tuberculosos vão 'pra lá.

M Recantos?

J Não é recantos o nome, tem outro nome. É um tipo de hospital mas que tem outro nome.

M É tipo aqueles locais de ...

J É, mas não era ... Eu queria explicar porque é uma diferença tremenda, quando a gente diz: - Eu tive em tal lugar, nesse lugar ...! Nêgo aqui não sabe o que é, diz: - Ih! Foi parar em lugar de tuberculoso. Mas não é. É um tipo de hotel, que só de pratos tinha 10 pratos diferentes 'pra quem estava fazendo regime. (...) Tem vários hotéis e cada um trata de uma especialidade. Tem várias doenças. Então, tem um que é sempre mais especial em uma doença. Tem um lá que trata doença do couro cabeludo com água do Mar Negro. Que esse local, Nova Sote, fica nas costas do Mar Negro. Então, o pessoal vai ali 'pra se tratar.

②

Fda 4 - lado A

3 (cont) Antes deles saírem de férias passam no médico, que eles dizem (...) tinha por ali mesmo, assim o serviço social. Ai os médicos (...) faziam exames nas pessoas 'pra saber onde elas deviam passar as férias. As vezes elas passavam em um hotel e o marido passava no outro porque tinha (...) uma doença qualquer, uma coisa diferente um do outro. O que eu vi lá também foi as mulheres fazendo ginástica. Mulheres gordas. Que lá tem muita gente forte, fortuna. Cada mulhera que Deus me livre. Então, eu encontrei aquelas mulheres mais gordas. De manhã cedo eu escutava aquele eh! eh! eh! (...) Nós fomos lá olhar, eram as mulheres fazendo ginástica. Quer dizer aquelas foram 'pra lá especialmente 'pra fazer ginástica 'pra emagrecer mais, que estava sendo prejudicada certamente pela gordura. (...) Tinha outro hotel nesse ponto que era 'pra tratar do couro cabeludo. (...) Então, tinha um ônibus que a mulher vinha dirigindo de lá de dentro, passava assim por baixo de um túnel, uma espécie de um túnel e saía na praia. Ai tinha lugar que as mulheres tomavam banho junto com os homens, tinham lugares em que as mulheres tomavam banho separado e tinham lugares em que as mulheres tomavam banho com homem 'pra um lado mulher 'pra outro, assim! Tinha as separações lá na praia. Eu nunca fui direto lá na praia não. Porque mesmo sendo calor eu sentia muito frio porque o calor lá é mais forte do que o frio aqui. (...) Então, eu fui nesses lugares. No próprio hotel onde nós estávamos, certamente nos outros também, na banheira tinha torneira que vinha com a água do mar. Então, se eu quisesse tomar banho de mar dali daquela praia, era só encher a banheira d'água e tomar banho ali e pronto. Só que eu não gosto muito de banho de praia e eu não me ligava 'pra aquilo não. Eu tomava meu banho qual legal!

8)

Fila 4 - lado A

J (cont) Quando eu fui visitar esse outro hotel que era do lado, que passava o ônibus para ir para a praia. O pessoal me convidou para ir e eu disse: - Não, não vou não. Não fui 'pra praia. (...) É a gente ainda deu um pouquinho de falta de sorte que eu era uma churinha, igual a essa churinha miúda de São Paulo. Xixixi, xixixi o dia todo, eu não ia 'pra praia com chuva. Mesmo assim a moça me ofereceu lá 'pra eu lavar a cabeça. Aí eu fui lavar a cabeça com aquela água lá, feito sabão de beleza. (...) Então, diz que a cura de alguma coisa da cabeça ou do couro cabeludo com 10 banhos, aí tinha que ser 10 banhos. Eu tomei quase tudo (...). Foi só 'pra satisfazer a pessoa que estava chamando e perguntando se queria fazer, né"! Fomos muito bem tratados. Além daquela monte de comida em qualquer lugar que a gente chegava tinha muita comida, tinha muito...

M Quanto tempo você ficou lá União Soviética?

J Olha eu não marquei bem assim diretamente, mas.

M Mais ou menos?

J Eu tinha marcado no meu caderno. Porque quando eu cheguei em casa eu fiz a história, fiz uma história, tinha vontade de fazer um livro, e fiz a história. Mas infelizmente com o golpe eu perdi. Então, (...) acho que eu fiquei mais ou menos um mês, por aí. Porque eu fui daqui 13 dias 'pra Itália com 15 dias lá estarei lá no congresso, passou 3 dias o congresso, passei uma semana mais ali, dali fui 'pra Romênia. Quer dizer, assim se eu for catucando eu ainda acerto mais ou menos...

9)

Foto 4 - lado A

M Ao total você ficou 2 meses fora.

J Fiquei 2 meses (...) com os dias da viagem, quase 2 meses, faltou 2 dias...

M E seus filhos aqui no Rio?

J Os meus filhos no Rio. A minha enteada...

M Quantos anos eles tinham mais ou menos?

J Olha, a minha enteada ela (...) já estava moça, já devia ter uns 16 anos por aí. Que isso foi em 56, eu não tenho bem lembrança assim. O menino nasceu em quarenta e...

M O mais novo tinha?

J Os meninos mais novos foi o seguinte: um nasceu em 43 e o outro nasceu em 44. E só multiplicar pra chegar em 56 e ver quantos anos que eles tinham. Só que eles não apresentaram o tipo da idade que tinham, eles eram recalcados, miúdos, atrasados, sabe?! Ni-quilados. Eles só foram se desenvolver depois dos 17 anos, 16 anos por aí, foi que eles começaram a se desenvolver...

M Aí eles ficaram com a sua enteada?

J Aí eles ficaram com a minha enteada e o José. Nesta época o José virava dormir sempre em casa, porque a gente estava tomando conta de um aparelho, que eu chamava de aparelho do partido porque era um comunista que morava ali e não pôde ficar, saiu, deixou os móveis. E a gente foi morar lá até vir como fazia. Tanto é que depois...

M Isso era onde?

J Isso era em São Gonçalo.

M Aí vocês saíram de Xerem?

J Saímos de Xerem, fomos para São Gonçalo, com o despejo...

M Quanto tempo? Foi na época do despejo que você veio de Xerem para São Gonçalo.

10

Fita 4 - lado A

J Foi na época do despejo, justamente! Saímos, ficamos rodando, rodando...

M Isso em 56?

J ... Passa um dia aqui outro ali... É em 56. Aí nós fomos para essa casa, o José nos gostava de ficar parado politicamente. Nessa época ele ficou um pouco parado no campo "né", nas associações (...) ele discutiu lá com o partido, resolveram de criar um sindicato de trabalhadores rurais em Sampaio Corrêa. Aí nós fomos trabalhar de meia, isso já em 58... no começo de 58... ou no fim de 57 (...), foi no fim de 57... do meio para o fim. Aí nós começamos a trabalhar de meia... Ele tinha uma tarefa; de criar o sindicato, com muita dificuldade, porque o pessoal (...) tinha medo de falar em sindicato, de falar em "povo", de falar em (...) greve, de falar nessas coisas. É o pessoal que a gente tinha comunicação eram os vizinhos lá no sítio do moço que a gente trabalhava pra ele (...)

M É onde era esse sítio?

J Esse sítio era em Sampaio Corrêa (...) na Serra do Mato Grosso.

M Lá no Mato Grosso?

J É, Serra do Mato Grosso...

M Ah?

J ... na descida da serra tem uma estrada à direita, nós esquerda daqui pra lá, aí a gente entrava ali. Ainda tem a estrada até hoje...

M Não, mas onde é... que estrada?

J É aqui... é aqui...

M No Rio de Janeiro?

J Sampaio Corrêa, aqui. Sampaio Corrêa, entre Lago Frio, entre Saguarima...

M Ah! Sim!

11

Fila 4 → Bodo A

J sabe? Antes de Saquarema. Aí nós trabalhávamos 'pro homem, a muia. Um sacrifício desgraçado. (...) As bananas melhores eram lá na Serra, aí o José ia lá 'pra Serra. (...) A carne que a gente comia era caça. O dono do sítio proibiu a gente (...) de caçar. Porque inclusive ele era da Marinha, era reformado (...). Então, o que que a gente fazia 'pra conseguir a caça? A gente matava e dividia, nós matava em enxada. A gente matava aquele que a gente precisava de comer, né!? Nós tinha carne, tinha feijão, a farinha, o arroz e a carne a gente nós podia comprar, que era pouco dinheiro né". O partido dava uma ajudinha a gente, muito pequena né". E a gente tinha que se virar. Então, a gente comia verdura. Lá tinha muito chuchu, chuchu do mato. Depois eu plantei muito chuchu do outro grandes. Nós lá tinha muito chuchu miudinho, daquele que tem espinho. A gente comia dele mesmo. Tinha abóbora e tinha algumas frutas. Tinha muita banana... o período lá mesmo era banana. Você imagina que a gente vendia a banana a 600 réis o quilo, 'pra dividir com o patrão, 300 réis para cada um... Farinha, a gente fazia farinha, fazia o saco (...) aí depois de tudo pronto, tudo torradinho já a farinha aí a gente dividia, metade da farinha era dele metade era nossa. (...) Tudo ele queria muia. Quando, eu disse a ele até para tirar tudo que eu nós comia quando, hoje eu já comia, mas eu não comia. Aí era assim, eu sei que dentro de 6 meses nós fizemos o sindicato pronto. Aí o José começou a sentir uma fraqueza nas pernas (...) um cansaço. Aí quando foi no médico, o médico disse que ele estava com mancha no pulmão. Aí proibiu a ele de subir na Serra, e foi aí que nós descemos de lá da Serra do Mato Grosso. Viemos novamente para aqui para o Rio. Fomos morar em São Gonçalo na Cerâmica Porto Rosa, né"! Enquanto isso, o marido o marido começou a se tratar.

(12)

Fila 4 → Roda A

J (cont) O médico disse que ele devia ficar bom com uns 3 meses. E ele ficou bom com mais de um ano. Aí ele aproveitou que fazia muitos anos que ele não via a mãe dele, e que ele tinha vindo aqui 'pro cima em 42 e já era 1958. E ele não tinha visto mais a mãe e ele aproveitou a coisa e um pouco da diminuição de tarefas porque 'tava doente. Inclusive nesta época nós estávamos com aquele negócio de mudança do nome do partido. O pessoal de olho atravessado com a gente. Gente do próprio partido 'né'! (...) Acho que era porque a gente era a favor que mudasse o nome, né?! Devia ser isso.

M Ah!... Porque era PC...

J Era PC do B.

M E vocês queriam mudar...

J E era PCB tirar o do 'né'. Aí nesse meio tempo, fomos vigiados... Isso é o que eu estava falando...

M Foi aí que houve o saca no PC? Voltou ao...

J Foi aí que houve o saca...

M Você era a favor do PC... do B?

J Não eu era a favor do PCB. Nós éramos uma parte a favor do PCB e a outra do PC do B.

M Mas não era só por que você queria mudar o do para...

J Não, era isso não (...)

M Era divergência política.

J Não era bem a divergência política não. Era o seguinte: Os advogados quando os companheiros iam presos, 'panhavam aqueles bons advogados' pro (...) defender aquele comunista preso. E então, nesse ínterim alguns dos advogados disseram que era melhor mudar. Porque eles diziam que nós éramos um galho da União Soviética que estava aqui. Então o que significava o do B, do Brasil? É por que não brasileiro? Do Brasil quer dizer que vem da União Soviética para o Brasil. →

(13)

Fita 4 → lado A

3 (cont) A lei não sei o que dizia que o partido tinha dinheiro de Moscou e não sei o que, entendeu? Então, era uma lei na qual eles tinham 'pra castigar mais os companheiros... Então, através dos conselhos dos advogados foi que nós resolvemos. Que o partido resolveu, o partido nacional "né" resolveu a mudar o nome "né". Tinha o do, como na época eu tenho impressões na minha mente, que foi o seguinte. A direção do PC do B era justamente: Maurício Barbosa, Lincoln West, Carlos... não é Gianelli não, é parecido mas não é Gianelli não. É parecido com esse nome. Depois eu me lembro do nome. Rubem Vanderlei esse pessoal era a direção do partido e que (...) não dava muita bola para o nosso trabalho. A gente prestava conta, fazia tudo que a gente sabia. Que o partido não era isso que se estavam fazendo isso estavam errados. Mas que um dia ia se fulgido "né" Em alguma coisa, que geralmente quando havia um balanço o cara descia, o que estava lá em cima, erro descia, vinha mais para baixo pra fazer auto crítica. Então, eu acho que porque eles não queriam, uma das coisas que eu acho (...) sobre essa confusão na qual eles não queriam deixar o poder "né". Então, eles ficaram como PC do B porque não podia a direção. E lá foi criando outra direção como PCB, foi justamente nessa que a gente ficou e que (...) o nosso trabalho andar (...) com muito mais capacidade, muito mais atenção, mais ajuda. Através desse, inclusive, quando o meu marido (...) ficou ruim do pulmão (...) Eles cortaram o dinheiro que davam e quiseram arranjar um emprego 'pra fox' na Secretaria de Agricultura. Que se não me enganar, aquele negócio que tem ali no Barreto, que chamam Barreto, mas Fonseca, que eles chamam de... tem um nomezinho (...), tem uma mata assim... Então, ele, o fox viu o seguinte que se ele entrar pra esse trabalho ganhando um dinheiro que não dava 'pra gente viver... além disso que se não fosse, não era pelo dinheiro

→

(14)

Fiba 1 → Bado A

J. (cont.) era porque ele ia ficar parado politicamente. Ele ia trabalhar ali e não ia poder trabalhar politicamente. Se ele se negar de aceitar esse emprego, que ele viu que era um ... uma espécie de truque. Alguma coisa para ele parar de trabalhar politicamente no campo. Se ele não aceitar o trabalho e quando voltar ele ainda teve no Norte uns dias para ver a mãe. Tanto é que ele chegou aqui em março. Foi no mês de março e ele foi lá, voltou quando foi em julho a mãe dele morreu. É quase que ele não vê a mãe dele "né", então ... Esse negócio aí é justamente o que eu estava falando, uma das coisas que ... um tipo de ingratidão "né" Mas que a gente não levava nada disso a sério, porque de dificuldade a gente tá acostumado a passar. Bem a gente tinha amor à luta, essas coisas a gente deixava pra lá e dizia mais pra frente eles vão ... que eles já estavam descido no PC do B ...

(INTERRUPÇÃO)
DE
(GRAVAÇÃO ?)

J. (cont.) ... Possibilidade de ir à União Soviética quando era outra direção e nunca foi. Uma vez, isso é o que eu queria falar ontem quando eu tá conversando com a menina, que fizeram José andar pra cima e pra baixo com a mala nas costas dizendo que ia viajar e no fim disse que não ia e ele ficou p da vida. Porque fizeram ele sair de Kerem pra lá com a mala pra cima e pra baixo pra ir para o Congresso na União Soviética. E no fim enganaram ele, foi todo mundo e ele ficou. Voltou pra casa com a mala, p da vida. Se quando foi com essa 2ª direção ele ...

→

(15)

Fita 4 → Bado A

M Isso foi quando?

J Isso foi ... eu não me lembro bem o ano, mas (...) foi antes de 60.

M Era um congresso?

J Os congressos eram sempre congressos de ...

M Congressos comunistas?

J Não eram congressos de ...

M Trabalhadores?

J Não, Congresso dos sindicalistas. Sindical mundial, não tem sindical mundial? Era isso, Congresso sindical mundial. Então, nessa direção nova, você conseguiu "lá"!

M Ah é? Ele chegou a ir?

J Ele chegou a ir na União Soviética, ele foi em 62. Lá era essa nova direção. A gente prestava conta também do trabalho. E a gente tinha muita ajuda assim, politicamente "né"! Como organizar, como fazer. Tanto é que ... as coisas dali pra cá começaram a ... juntou-se também com a possibilidade do Roberto Silveira que não era uma pessoa hostil "né"! aos lavradores ...

M Ele era governador do estado? e era um pouco mais aberto?

J Era governador do estado, infelizmente por isso mataram ele com aquele negócio do avião; que eu não acredito que aquilo foi avião. Acho que foi chute dentro do avião. Que ele morreu na ida daqui pra Petrópolis. Era porque estava se destacando. Você não se lembra, talvez não se lembre do seu tempo, mas nessa época houve aqui em Carnaúba um negócio ... Não, primeiro foram as barcas em Nikerói. Foi aumentar as barcas sem avisar ninguém. O pessoal fez um alvoroço lá, quebrou aquilo tudo.

M 62?

J É, eu não me lembro como foi. Quando?

M 62?

J Não, isso foi ... Isso daí acho que não foi em 62 não, foi?

(16)

Fita 4 - Roda A.

J (cont) Eu não lembro

M Não sei.

J Porque 'têve um em Carriás também

M O que que houve em Carriás?

J Em Carriás foi saque no comércio, briga no comércio.

M Mas esse do saque não foi em 62?

J Eu não lembro bem. Eu acho que esse foi o de Carriás, de 62. Mas o outro foi antes. Eu não sei se foi no mesmo ano. Não foi não, porque eu morava em São Gonçalo

M Mas o de Carriás você se lembra desse? Você 'tava lá? Você conhece?

J Eu me lembro um pouco. Eu 'tava aqui. Eu 'tava aqui em Xerem ainda.

FIN DA GRAVAÇÃO

(14)

Fita 4 → Bodo B

M Por que eu já ouvi falar, já li alguma coisa sobre esse saque que houve em Carías. Mas eu não sei de fato o que aconteceu. Como é que as pessoas saquearam. Você lembra alguma coisa?

J Olha, eu não me lembro o que foi não. Eu não sei se foi...

M Foi no cenho, "né"?!

J Foi no centro de Carías. Tinham coisas até engraçadas sabe (...). Foi um saque porque eles carregavam à mercadoria. Inclusive eles chegaram... "Teve um lugar ali perto de Gamacho que tinha uma venda com um português e o português pegou o retrato de Nossa Senhora, uma estatua, botou na porta e não sei o que. Lá quando os caras chegaram pegaram a porta e diziam assim: - Minha Nossa Senhora a Senhora está aqui, mas dá licença! E entraram e tiraram aquilo tudo. O fox viu alguma coisa. Eu não vi porque 'tava em casa. (...) Mas tinha coisa de rei mesmo, de brincadeira que na troca 'pra rei mesmo. Então, eles parece que tinham raiva por causa dos aumentos. Me parece que era por causa dos aumentos das mercadorias "né". Por que tinham alguns lugares que eles não saqueavam. Talvez fosse porque havia concorrência "né"! E aquelas concorrências eram mais baratas. Eu sei que eu não entendi bem. Eu sei que até árvore derrubaram no meio do caminho para não passar carro, ^{ou} não passar ônibus, ou não passar polícia, não sei. Eu sei que derrubaram até árvores no meio da estrada. E o que houve lá nas bancas foi por causa de aumento de passagens. Olha, foi uma coisa! Nessa época eu estava... Me parece que (...) isso deve ter sido em (...) 59. Eu não tenho certeza não. Porque eu me lembro que eu estava em São Gonçalo. E eu fui a outra vez para Kerem foi em 60.

(18)

Fita 4 → lado B

J (cont) Então, (...) diz que até na casa dum...
tem um tal que se chamava (...) de Carrero...
Me parece que o dono se chamava Correiro ou Bar-
reiro, acho que era Correiro... Eu sei que os caras
enxaquearam até a casa do homem. Quando sai-
ram de lá tinham 4 televisões. Televisas não sei
aonde, não sei aonde, não sei aonde. Mas aí co-
meçaram a levar. Outros diziam: - Não é 'pra le-
var, é só 'pra acabar, não é 'pra levar. Então,
tinha que derrubar, 'paulhar e botar na rua e
deixar lá 'pra rua. Ninguém tinha o direito de
carregar. Aquelas que carregavam 'tavam fora da
lei. E eram chamados a atirar. Que não era 'pra
fazer aquilo. Era só 'pra derrubar ali aquilo que
estava atrapalhando o povo, não sei o que. E quei-
mavam a sede, a entrada das casas, aquelas coi-
sas todas. Aquilo tudo é novo que tem lá. E pin-
taram o 4 mesmo. Diz que veio guarda da Mari-
nha. Diz que foi um caso sério. Eu não estava aí.
O 'foi 'tão aqui em Niterói e viu alguma coisa.
No fim, que terminou tudo o Roberto Silveira man-
dou a polícia 'pra lá. Eu acho que o pessoal fica-
va com raiva disso, "né". Que tinha que mandar
logo, não sei o que! Então, isso aí não é...

M Da licença! Voltando um pouco ao Pura. Pura
foi a Hescou quando? Quando mesmo? Em
Sessenta e ... ?

J Ele foi em 61.

M Não!!

J Em 62.

M 62..

J Agora ainda...

M Ele ficou quanto tempo lá?

(19)

Fila 4 → Rado B

J Além da União Soviética ainda tive em Leningrado, né! Fui a Leningrado... Eu estou falando isso porque aqui falar que acabaram com aqueles sufeitos todos que tem na praça, aquelas estátuas, aquelas coisas. Eu acho isso um absurdo, né. Mas 'tive lá', fui muito bem tratada também. Andei nas creches de fábricas de pessoas que trabalhavam em cerâmicas, né. E vi o palácio (...) o palácio não, o museu onde era guardado o ouro que era tirado daquelas que...

M Da burguesia.

J Da burguesia... Dos que moravam e se enterraram com aquelas coroas de ouro "né", nas igrejas. Lá eles iam e tiraram aqueles troços feito palma de ouro. Não tem uma roda de louros, que chamavam de louros. Feito de ouro.

M Sei.

J Então, tinham muitas coisas daquelas coisas. Relógio de despesas todinho, de uma pena por pena de aves. E que parece que quando batia dava sinal ali naquelas penas. Não sei como é que era. Aquilo era tirado tudinho 'pra limpar, jóias. Vi o vestido de coroa da Catarina II. (...) Tinha pareça que 40 Kg. de peso "né" na coroa dela. Então, 'tava tudo no museu. Aquilo a gente entrava 'pra observar aquilo tudo. Quer dizer... só assim eu via alguma coisa de beleza "né". Porque no nosso país a gente nunca pode dar valor ao que nós temos. Quem dá valor é o rico e assim mesmo vai para o estrangeiro ver o que tem lá. E a riqueza que a gente tem aqui a gente não sabe. Quando eles perguntavam a mim o que que tinha aqui, eu não sabia dizer nada, "né". (...) O brasileiro não tem condições de se preocupar com o que tem no seu país para visitar. Bem, o José passou mais ou menos uns... quase um mês. Porque ele de lá da União Soviética, ele foi no congresso da União Soviética... Eu não tenho bem lembrança.

(20)

Fila 4. —> Bodo B

5 (cont) De lá ele foi a China. Foi convidado à China. Foram pra China. Quando chegaram na China, a China não queria deixar de jeito nenhum eles voltarem na União Soviética pra vir pra cá. Mas eles achavam que eles tinham que voltar porque foi de cá que eles saíram. Eu sei que (...) o que ele notou foi que tinha uma divergência qualquer já na China em relação à União Soviética. Porque eles perguntavam se a União Soviética dava alguma ajuda a China; e a China dizia que não. E eles assinando assim no maquinário, onde tinham assim fábricas com máquinas, e eles vendo o carimbo da União Soviética "né", a marca da União Soviética ali. Não sei porque eles diziam que a União Soviética não ajudava a eles quando se perguntava "né". O José teve até eu cima lá do rio de gelo, lá na China. Se ele ainda disse brincando: — Ah Merena, já sei como foi que Cristo passou no rio. Foi porque o rio congelou, eu também tive dentro do rio. (...) Pelo menos isso também meu marido conquistou, apesar de tudo, seu fazer nada de ... lá, a União Soviética também tinha quando eu fui lá, também tinha o negócio dos pioneiros. Todos os primeiros alunos eram premiados com um tempo de repouso fora de casa, nas colônias de férias "né"?! (...) Eu fiquei muito impressionada ainda na União Soviética, quando eu fui receber a lembrancinha (...) dos filhos das pessoas que trabalhavam na cerâmica, é que eles foram lá dentro e tal. Quando vieram um deles perguntou pra gente assim: — Como vivem as crianças brasileiras? em português "né"?! Então, isso aí me emocionou muito. (...) Deixando a União Soviética que foi em 56, passamos novamente

(21)

Fita 4 → Lado B

J (cont) para o Brasil, né"?! Rio de Janeiro. Nós chegamos aqui, quando eu cheguei não achava mais nem direito onde era a casa que eu 'tava morando. Porque eu entrei dentro de casa num dia, sai no outro. E já vinha títubando, porque a gente tinha se mudado a poucos dias 'pr'aquela casa. Aí continuei...

M Em São Gonçalo?

J É, eu São Gonçalo. Continuei no trabalho. Isso foi...

M Aí nesse período que vocês ficaram primeiro na casa desse amigo, na casa de um amigo, num aparelho. Era só uma casa ou tinha alguma coisa do partido também?

J Olha, tinha a casa e às vezes as pessoas do partido se reuniam lá. Mas era sempre não, sabe!?

M Era um aparelho mesmo?

J Era um aparelho (...). A gente até não se comunicava muito com os vizinhos. Eu passei 2 anos lá e não conhecia, não sabia o nome do vizinho. Um dia enchiam os globos de luz (...). Eu desliguei a luz de madrugada, 'tava cheia d'água que a caixa encheu e a bôia não funcionou. E eu tive que chamar as crianças, 'pra perguntar o nome do vizinho 'pra pedir 'pra fechar o registro da água. É...

M Vocês tinham receio de se comunicar por que...

J Tinha receio porque não podia...

M O aparelho ser descoberto.

J É, justamente. Nós... Não podia. Era uma tarefa da gente. Então, (...) criança sempre tem conversa com a criança do lado "né". — Por que que a gente não vê a sua mãe e tal? — Ah, a minha mãe costura na casa dos outros. Eles davam essa desculpa, era eu saindo 'pras reuniões "né"?! E aí diziam que costurava fora. E eu também pegava de vez em quando uma pecúnia...

M E nesse período você ia também 'pra reuniões? Que →

(22)

Fita 4 → lado B

M (cont) reuniões que 'cô' ia?

J Olho, eu ia 'pra reuniões da associação, algumas já nessa época. É quando o meu marido teve... Isso foi em 48... em 58, que ele 'tava com a mancha no pulmão eu já pertencia, eu já 'tava ligada completamente a associação. Eu cheguei a ser 2ª tesoureira da associação (...) feminina fluminense. Eu tenho que citar isso, porque tem aí uma tal de associação de mulheres 'né'. Era associação feminina fluminense. E lá já me dava muito bem com a Maria Alice. O dr. Sílvio Picasso, eu arrumei através de uma organização que se chamava, parece que era AAB, uma coisa assim, que tinha um consultório abandonado num certo lugar. Eu recebi a tarefa da associação, já da associação feminina fluminense 'pra abrir esse consultório, 'pra botar lá dentro, 'pra dar consulta às crianças. Eu consegui e fui lá. Fui 3 dias aqui, aqui perto na casa de... seguindo o Maneco 'pra ir lá 'pro caminhão. O Maneco só podia levar até as barcas, das barcas arrumar quem levasse... Eu sei que eu consegui chegar com esse consultório lá na associação. O dr. Sílvio Picasso deu muitas consultas lá. Eu fazia o trabalho de encaminhamento das mulheres. (...) Eu trocava aulas. Eu aprendi a pintar uma pintura que naquela época chamava-se pirogravura na fazenda. Eu troquei aulas com pessoas dentro da associação. Dava aula de bolo, aula de pintura, aula de flores, aula não sei de que, aula de corte e costura. Entrei na aula de corte e costura 'pra aprender a desenhar o molde que eu não sabia. Que eu costurava pra mim mas era →

(23)

Fita 4 → Bodo B

J (cont) botando um vestido em cima do outro. Aí fui aprender a tirar molde, tirar as medidas certas "né"! E fazer o molde, desenhar o molde. (...) Isso aí quando eu fui p'ra Verem em 60, esse corte ficou pelo meio "né"? De lá eu vinha ... era 2 vezes por semana, eu vinha um dia e fazia as duas aulas que eram 2 lições e compensava as 2 vezes da semana. Cortei 2 figurinos franceses, aquele Paris Soutz, sei lá como é que chamava mas é escrito assim. Cortei 2 figurinos daquele eu do tamanho miniatura todinho e armava. E a professora dava prova, aquela coisa toda. Cheguei a tirar até o diploma "né", de costureira, através da associação. Agora ... outra coisa ... com o golpe que foi em 64, nós ficamos ainda pensando, rodando daqui, dali, de cá de lá quase um ano. Quando foi em 65 o José ...

M Não, 'pera aí, antes. Vocês ficaram ... Depois desse aparelho ... vocês saíram do aparelho. Por que que vocês saíram do aparelho?

J Quando nós saímos do aparelho foi porque o José não gostava de ficar ali. Ele 'tava sem liberdade política. Então, ele foi conversando ...

M Foi p'ra esse sítio seu meio?

J Fomos p'ra esse sítio a meia, saímos de lá ...

M Vocês ficaram quanto tempo? 6 meses

J 6 meses só, porque o marido ...

M Aí de lá vocês foram p'ra onde?

J De lá nós fomos p'ra ... p'ra ...

M Verem?

J Não. Nós fomos morar aqui na Cerâmica Porto Rosa. Cerâmica Porto Rosa é lá em Portas do Rosa, em São Gonçalo

M E lá vocês faziam o que?

→

(24)

Fita 4 — Bado B

J Aí o partido começou a ajudar a gente, ali, a pagar a casa "lá". E a gente fazia o dinheiro ... (...) minha cunhada me emprestou um dinheiro e eu comecei a comprar roupa feita na rua da Alfândega e vender. Quando José foi no Norte pra ver a mãe dele, quando voltou trouxe um feico de bordado do Norte, fiado "lá". Pra eu vender aqui. Antes disso, de vir a isso, eu vendia ouro, "lá". Lá uma pessoa me arrumava assim branco ou amêl, mas sei o que pra vender. Eu vendi, mas foi pouco tempo. Depois passei pra vender as roupas feitas e junto vendia os bordados, quando chegaram os bordados "né"! Me aprofundei mais nos bordados.

M E nesse período você continuava na militância da associação?

J Na militância do partido.

M E ele?

J Eu fui 2ª tesoureira da associação e fui 2ª tesoureira do partido.

M Do partido todo.

J (...) O que é que eu fazia. Eu saía vendendo roupas, aí eu vendia a roupa, fazia a cobrança da associação e fazia a cobrança do partido. Aí tinham vezes que eu chegava em casa 10 horas da noite. porque tinham pessoas que ainda vinham fazer o balanço com aquela dificuldade, coitada! E eu tinha que esperar, "né"? E às vezes chegava quase 10 horas da noite.

M E o Rubeza nesse período militava no partido ...

J E ele continuava no partido fazendo o trabalho no campo. Ele continuou fazendo o trabalho. Visitando as associações. E eu, depois disso. Isso foi em 58

→

(25)

Fita 4 → Lado B

J (cont) que eu comecei a vender essas coisas...

M 48 uds. 58.

J Em 58, aí quando foi em 60... Aí quando eu disse que 'ta-
va com mancha no pulmão... (...) Aí eu comecei a me
tratar, o médico disse que talvez eu tivesse que me in-
ternar. Pelo que ele falou que eu tinha que tratar
com repouso e bastante comida. Como é que eu ia
ter repouso se eu saía de manhã vendendo roupa?
Quando vinha almoçar já era tarde, aquela coisa
toda. Mas aí eu tive que continuar, porque não ia a-
diantar nada eu parar de vender as coisas e ficar com
fome. Até que eu fiquei devendo um pouco lá no Norte,
esses bordados. Porque eu fui comendo além da conta
devido a necessidade de comer muita verdura crua, a-
quilo e não sei o que. E comia mais na hora certa, aque-
la coisa toda gastou muito dinheiro. Quando veio o ne-
gócio... a vinda do menino p'ro poder o... Roberto Si-
veira que foi em 60. Aí o José através das lutas deles in-
do muito do governo e inclusive a ele. (...) Chegou um
ponto em que ele disse: - Puxa, se a terra que vo-
cês foram despejados estiver ainda livre, vocês podem
voltar p'ra lá que a gente não vai mexer com lavrador
nós. Nós vai deixar mexer com lavrador nós.
Aí a gente voltou. Eu não queria mais voltar p'ra roça
nós. Mas eu tinha uma hora que estava em Cabo
Frio, que é mulher de um enteado meu. Casaram e
foram p'ra Cabo Frio. Nessa época fazia um ano
que eles 'tavam p'ra lá. E não sei por que duramas
contas dele, ele tinha que deixar a casa da fábrica
que era na Alcatas. Aí eu chego um dia das vendas,
lá lá aquele monte de móvel em cima das coisas, mó-
vel em cima do guarda-roupa, já tinham tomado
conta do quarto das crianças, já não sei o que...

→

(26)

Fila 4 —> Lado B

3 (cont) De noite quando se fechava a casa, a gente não podia mais passar, porque inclusive ela não tinha um certo pensamento ainda botava até as irmãs, dia de domingo porque iam ao cinema, dormindo na cozinha. É aquilo me enervava demais, e eu não falava nada mas ficava com o pescoço amarrado. Quando o fox falou em Kerem eu não queria mais voltar p'ra roça pelo que eu tinha passado. Mas quando ele falou isso, entre Kerem e o que ele estava passando ali eu prefui ir p'ra roça novamente. Ai eu disse: — Então vamos! Ai fui p'ra roça. Que ai eu não gastava muito dinheiro de passagem, ia juntar p'ra pagar o que eu estava devendo. Quando eu saí o Bronides ficou lá na casa "né", junto com a mulher. Com 8 dias que eu tinha saído ele também saiu. Entregou a casa ao senhorio, era só p'ra eu sair dali mesmo. Eu entendi isso. Foi p'ra casa lá da sogra e entregou a chave da miúda casa e eu já tinha ido p'ra Kerem. Quando eu cheguei com uns 15 dias lá p'ra vir p'ra aula, que foi (...) onde a miúda filha moça não me acompanhou; ficou na casa de uma colega porque 'tava trabalhando inclusive num escritório. Ai ela me falou que Bronides tinha entregue a casa e que tinha se mudado p'ra casa da sogra. Ai quando eu fui na casa da sogra, a sogra: — É, eu sei que Bronides não fez muito bem, porque a senhora teve que se mudar, não sei o que. Mas também não tinha ninguém que tomasse conta de Jejanira. Quer dizer, uma mulher casada, esperando filho, tinha que ter uma pessoa p'ra 'tar tomando conta.

→

(24)

Fita 4 — Bado B

J (cont) Mas eu deixei isso p'ra lá "né"? Digo: — "Tá, isso aí não tem problema não, já tá arranjada. Aí todo mundo: — Você vai p'ra roça fazer o que, Josefa? Você aprendendo corte e costura? Eu digo: — Olha, (...) quem ainda com o sapato é que sabe onde aperta. Tá eu faço roupa p'os quilos, p'os qofanlutos, p'os sapos, pode deixar que eu me viro! Eu sei que assim mesmo eu fui p'ra lá. Terminei, tive o diploma ...

M Tá vocês tiveram que fazer outra casa?

J Aí nós fizemos outro rancho. Meu marido foi mordido de cobra "tá"? É, já o sítio, já táva tomado por 2 pessoas só tinha uma becha no meio. Aí a gente combinou com os 2, aí entramos naquele meio. Que a gente queria legalizar, continuar legalizando e tendo o que era nosso "né". (...) Quando foi em 64, no golpe, a gente deixou ali 20 mil pés de aipim, só de aipim. Agora, mais de 1000 covas de inhame. O arroz a gente plantava p'ra nós comermos ali mesmo. Não ficou naquela época porque a gente tinha colhido. A época do arroz já tinha passado ...

M Nesse período que vocês foram para Kerem vocês voltaram a articular os trabalhadores rurais de Kerem?

J Claro! Continuamos em Kerem. Encontramos aqueles que tinham sido despejados, um bocado deles. Mas isso já em lugares diferentes, mas em Kerem, "tá"? Encontrei novamente Chico Silva, encontrei novamente Totinho, encontrei novamente ...

M Mas esse pessoal tinha sido despejado também, "né"?!

J Tinha sido despejado com a gente e ganhou terra em Casemiro de Abreu. Com 1 ano e pouco que eles já estavam lá colhendo as coisas deles. A Prefeitura, o Prefeito de Casemiro de Abreu ...

M Botou eles p'ra fora e eles voltaram p'ra Kerem?

(28)

Fila 4 —> lado B

J Botou eles p'ra fora e eles voltaram p'ra Kerem. Mas assim saltado, que a gente não encontrava mais fácil. Mas quando eu encontrei, a gente continuou...

M Lá rearticulou a luta?

J Rearticulou novamente a luta. Lá já era FALEV, já estava com mais adiantamento. Quando foi em 65, houve esse... a gente foi embora e...

M Em 64...

J Em 64...

M Em 64, quando houve o golpe vocês saíram com receio ou porque...?

J Nós saímos porque (...) os líderes sindicais eram perseguidos mais do que quem procura o pior lado do mundo, tá?! Era mesmo! A gente dizia assim: — Nós não podemos ser pegos em flagrante. Mas flagrante de que? Porque eram líderes sindicais. E o meu marido, além de tudo, ainda era do partido, partido comunista. Então, isso aí era um perigo desgraçado.

M E quem avisou?

J Era um transtorno...

M Lá vocês saíram e foram p'ra onde?

J Nós estávamos na luta, rapaz! Nós estávamos na luta, eu me lembro que a gente estava numa sede do sindicato lá em Capivari.

M Quando estourou o golpe?

J É. A gente estava lá, prestando a atenção, com o rádio ligado, prestando a atenção em como é que estava o movimento. De repente estancou, "tá"?! De 3/4 p'ra 1/4, estancou aquilo e mudou a fala. Quando mudou a fala ficou todo mundo doido. Lá a gente teve que sair, que se esconder. Que não ia esperar a polícia. —>

(29)

Fila 4 - Bado B

J (cont) Eu fui pega assim, Eu e o Edson. Aí a gente tinha ido lá p'ra dentro, voltamos de noite num escuro desgraçado, com um medo danado porque a polícia já estava toda por ali. Uma tal de polícia mineira procurando Baerte "lá"? O Baerte era um cara do partido mas era um cara muito fraco. Não sei porque que procuravam tanto o Baerte, "né"? Talvez alguém tivesse dado o nome. E eu estava com o Edson e eles vinham perguntar se o Edson era Baerte. E correram atrás da gente 2 vezes. Só que a gente andou, andou, andou, quando saiu foi em cima da polícia. Olha só, que merda! É... uma merda!...

M E aí? Vocês falavam que não era o Baerte?

J Claro que não era! Aí os caras (...) não tinham nem um fósforo, rapaz! P'ra olhar p'ra cara da gente direito. Porque quem anda assim anda com lanterna, ele nem um fósforo. Aí p'ra olhar a carteira. Que vale que ele estava com a carteira. Aí a gente 'cendeu, 'pandei o fósforo e 'cendi, botei: — Aqui, olha o nome dele aqui! O cara olhou e disse: — O que é que você é dele? Disse: — Sou mãe dele. Aí eles ficaram mais assim, "né". A gente saiu. Quando foi daí a pouco vem eles de novo correndo atrás da gente! ... Não vou nem falar isso!

M Fala!

J Ele estava com... o Edson gostava de caçar, "né"? E estava com uma espingarda. (...) Quando ele ouviu falar no negócio que tinha acontecido, ele foi como quem ia "... como que a gente não soubesse, procurar a gente p'ra avisar. Que ele certamente tinha escutado em casa (...) no rádio. Aí quando ele chegou lá, ao invés de ir puro foi com a espingarda. Porque ele gostava de... às vezes a gente encontrava aquele surico. Surico é um bicho que tem cheio de espinha. Se a gente pisar ali 'tá desgraçado "né"? Então, o lavador tem mania de sair de noite com espingarda. →

(30)

Fila 4 —> lado B

J (cont). Ele saiu e perdeu a espingarda por causa disso. Porque a polícia veio da 1ª vez, ele 'tava de capa, e botou por dentro da capa, a gente pingando de água. Ai depois ele foi, correu outra vez. O menino jogou a espingarda assim, quando viu que eles vinham correndo e a gente não 'panhou mais a espingarda. Uma espingarda boa a bessa não perdemos. Ai depois (...) o José disse assim: — Olha (...) faz o seguinte: você vai p'ra casa (...) porque você não tem nada, porque você é pessoa legal. Apesar de ser do partido, mas é uma pessoa legal. Você não 'tá tão comprometida (...) como eu. Ai dali a gente se separou. Eu fui p'ra casa e ele foi evitar que pegassem ele. Como foi... Valer, né? Passou muita dificuldade com mais 2 companheiros. Um companheiro era daqui de Carías, parece que era redentário, se não me engano. Era o... esqueço o nome dele. Tinha o Cracício mas não era o Cracício não (...).

M Na sua casa ninguém baixou não, né?!

J Não. Nessa hora, assim na hora não. Baixou muito foi antes p'ra... Nessa hora não. E depois também. Que até me prenderam p'ra eu dizer onde o José estava.

M Chegaram a te prender quando?

J Chegaram. (...) Ainda em casa, enquanto passa uma parte de 64, a polícia foi lá em casa p'ra me perguntar onde estava o José! Eu disse que não sabia e eles me levaram presa p'ra Carías. Só que ao invés de me levar p'ra delegacia, me levaram p'ro juiz de paz. Menina, tinha cada caso engraçado. Se não fosse o caso de eu estar ali prisioneira dava era p'ra rir. Aquelas discussões de família. →

(31)

Fita 4 - Lado B

J (cont) E disse isso e disse aquilo. E testemunha de não sei o que. Tinha cada caso enfiado. Só que (...) eu tava ali em pé. Eu fiquei ali de meio dia até às 6 da noite em pé.

M Você tinha quantos anos mais ou menos na época?

J Isso foi em 64 ...

M 64?

J Eu sei lá. Só fazendo a conta. Eu hoje tenho 68, vou fazer agora dia 21 ...

M E' ... depois em fato?

J (...) Ai, eu disse que não sabia onde ele estava. Ai, o cara bateu no ombro do polícia. O polícia era cabo e ganhou uma divisa de sargento pela maldade que tinha feito com a gente, "né"? Eles estavam sempre fazendo maldade! Atiravam em raiva quando a gente saltava do trem (...). Graças a Deus (...) nunca eles pegaram. Mas quando a gente saltava do trem ... A sorte que nós tínhamos era que o trem dava uma parada de 5 min. p'ra encher a caixa d'água, e nesse tempo a gente tinha que dar no pé. Muitas vezes a gente deitava no chão, "né"? Porque escutávamos os tiros, deitava porque não sabia se eram só aqueles. Depois levantava e ia embora. Que a polícia estava juntinho de onde tinha a cooperativa que eles despejaram. Ai, eles me prenderam, eu disse que não sabia fui lá no ...

M Juiz de paz.

J Nesse juiz de paz. Quando eles foram conversar com o juiz, o juiz fez uma diacota comigo: - E', quer dizer que você ... que a senhora é a mulher do líder -

Fita 4 — Rodo B

5 (cont) Camponês José Pereira, não sei o que? — Sou
 sim senhor! Aí foi lá dentro, 'panhede o jornal.
 tinha o retrato do meu marido no jornal 'Última
 Hora. Aí veio: — É esse seu marido? Aí eu disse:
 — É. — Onde é que ele está? — Não sei.
 — A senhora sabe que se a gente descobrir que a
 senhora sabe onde ele está, a senhora sabe o quê que
 vai acontecer com a senhora? Eu disse: — Bem,
 coisa pior do que (...) está acontecendo, não pode
 acontecer. O Senhor sabe lá o que é eu não saber
 onde está o meu marido, e ver dizer que apareceu um
 cadáver no rio Quandú e que ninguém reconheceu
 o cadáver? O Senhor já pensou o quê que eu es-
 tou passando? Aí o polícia disse: — Se a gente ...
 Aí eu disse assim: — Esse negócio não sei o quê, esse
 negócio com mulher. Aí eu vi logo que 'tava fraco
 o negócio, 'né'? Eles queriam prender era o homem,
 não eu. Aí ele disse: — Pois é sargento (...) vo-
 cê quer apulhar mais uma divésinha, 'né'?? Baku
 nas costas dele. Ele não ria, arreganhava os dentes.
 Aí viu-se: — Pois é, o sargento, eu não posso
 fazer nada. O quê que eu vou fazer? Eu não pos-
 so fazer nada. Aí foi e disse p'ro outro polícia
 que era dois, disse assim: — (...) a gente
 arranhou um abacaxi. Aí passou, eu finji que
 não escutei. Depois eles viraram p'ra mim e
 disseram assim: — Dona, se a gente soltar a
 senhora agora a senhora vai dormir aonde?
 Eu digo: — Eu vou p'ra casa. —>

(33)

Fila 4 —> Lado B

J (cont) — A senhora ainda vai p'ra casa a uma hora dessas? — Vou, já 'tô' acostumada a andar. Eu vou p'ra casa. De Canias eu peguei o ônibus Pia-betã, saltava na Cidade dos Meninos e cortava por ali por dentro, era 1 hora e 23 min. E no fim ainda tinha que atravessar um rio, p'ra poder passar p'ra chegar em casa. Mas eu fazia isso, eu fiz né? Eles me saltaram, carregaram a minha coisa e não devolveram. De vez em quando carregaram as ferramentas e não devolviam. Me esqueci de falar com o juiz p'ra que mandasse dar a minha coisa, que tinham roubado. Saí tão atemorizada, porque eu tava com cuidado no Edson. Que ele queria pegar o Edson que era o meu filho. Se ele desse um tapa no Edson, o Edson tava todo desanimado, que até hoje o Edson é um palito. E eles têm medo de política, não gostam de política. Porque certamente viu que a gente passou e nenhum dos dois tava com político. Então, nós ficamos lá em 65. Em 64 ainda não fomos p'ra Pia-betã...

M Você não teve notícias do Pureza.

J Sobre o quê?

M Durante esse ano, você não teve notícias dele?

J Eu tive, eu tava pertinho dele.

M Ah! Tava pertinho?

J Tava pertinho. Eu tava tão perto que com 10 min que eu fui presa ele soube. Sabe por quê? Porque as crianças da casa que ele estava. Eu fiz perguntas de que eles me disseram, que eu estava no carro da polícia.

(34)

Fita 4 — Lado B

5 (cont) Eles iam p'ra escola e vinham da escola. Eu fiz sinal, torci, as crianças olharam. Também, nam crianças educadas. Olharam e foram embora. Chegando lá, contaram p'ra ele. Ai quando eu voltei de noite eu também não fui lá. Digo, pode ser que eles estivessem por aí me vigiando, aí eu não fui. Passei uns 4 dias sem ir lá. Toda noite eu ia lá. Ai eu não fui lá, mas mandei avisar por uma pessoa que eu já estava solta. E dali a gente teve que sair, foi quando nós saímos p'ra Piabeta. Fomos morar lá dentro, em Cachoeiras. num lugar que chama, pareia que chama Baixo do Cavalheiro, sei lá. É uma cachoeira p'ra lá de Cachoeira Grande. Magé, é Magé mas a gente chama Piabeta porque fazia compras em Piabeta. 2 horas e meia a pé p'ra ir lá. 2 horas na seta e meia hora subindo a serra, era uma serra muito ruim, mas ... ruim p'ra subir, cansado de ... Ai as pessoas lá já começaram a descobrir a gente. Um via e ficava assim. A gente notava. Outro vinha. A gente notava. Ai o José disse: — Não posso mais ficar aqui. — Ai José foi p'ra Hazeio, eu fiquei até vender o sítio, que eu ainda não tinha vendido, ainda não tinha pago todo. A gente tratou de pagar com a própria colheita. Plantou feijão, inhame,aipim e pagou com a ... mas não deu tempo. (...) Nós fomos no mês de 64 e saímos no fim, no começo de 65. →

33

Fita 4 → Roda B

J (cont) No fim de 64, que eu cheguei lá em 30 ainda de 64, né? 30 de dezembro em Maciós. Ele foi bem antes e eu fiquei até vender o sítio, pagar ...

M Quando é que você chegou em Maciós?

J Em Maciós eu cheguei no dia 30/12/1964

M E ele foi antes de você?

J Ele foi bem antes, bem antes mesmo. Daí eu comecei a sustentar a casa passando roupas fora. Enquanto a gente estava em Riabeta e não dava colheita, aí eu passava roupas na casa de família. Eu passava quinta, sexta e sábado, p'ra subir ou sábado de noite ou domingo de manhã com compras p'ra casa. Aí eu ia e fazia as compras. Ou fazia as compras em Riabeta, ou fazia em Lanas, ou fazia lá e já levava. Eu podia escolher né? Aí eu fazia isso. ...

(FIM DA GRAVAÇÃO)